

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU
PSICANÁLISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

A REPETIÇÃO E O NOVO

TATIANA FERREIRA SUGUI

Orientadora: Larissa Agostinho DRIGO

Monografia apresentada como
parte dos requisitos para o
certificado de Especialização em
“Psicanálise e linguagem: uma
outra psicopatologia”.

São Paulo

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSO
PSICANÁLISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

A REPETIÇÃO E O NOVO

TATIANA FERREIRA SUGUI

Orientadora: Larissa Agostinho DRIGO

Monografia apresentada como
parte dos requisitos para o
certificado de Especialização em
“Psicanálise e linguagem: uma
outra psicopatologia”.

São Paulo
2014

*"Tudo somado, devias
Precipitar-te, de vez, nas águas
Estás nu na areia, no vento [...]"
Carlos Drummond de Andrade*

*"[...] as coisas que tememos podem ser devassadas."
Walter Benjamim*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que por pura contingência se encontraram, e por isso este trabalho existe.

À minha querida irmã, que me encoraja a continuar.

Ao Mauricio, meu companheiro, com quem compartilhei os sabores de me sentir sempre em falta. Por ter provocado meu desejo pela escrita.

Aos meus amigos, que mesmo sem saber, me acompanharam no percurso deste trabalho.

Ao Durval, pelo carinho esquisito de um analista.

À Larissa, que com muita graça e leveza me orientou e provocou em mim questões que sobreviverão a este trabalho.

TATIANA FERREIRA **SUGUI: A repetição e o novo.** 2014
Orientadora: Larissa Agostinho **Drigo**

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi responder a algumas questões sobre a repetição na clínica psicanalítica. A pesquisa iniciou-se com a repetição na obra de Freud, de seus textos mais importantes sobre o que se tornaria um dos conceitos fundamentais na leitura de Lacan.

Nossa investigação passou inicialmente sobre a repetição e o sintoma, a repetição tal como Lacan postulou, da função do acaso e sua relação com o sujeito barrado; o estudo nos levou a retomar as ideias de Lacan sobre o sujeito barrado, sua constituição e passagem pelo estágio do espelho; a fantasia também foi abordada a partir do conceito de repetição bem como o axioma "não há relação sexual".

Considerou-se importante responder as questões que nortearam este trabalho, que são: qual a função da repetição, o que é a repetição como o encontro do real, o que leva-se em conta quando tratamos a repetição na clínica psicanalítica.

Palavras-chave: repetição, sintoma, real, encontro, acaso

ABSTRACT

The objective of this study was to answer some questions regarding repetition in the psychoanalytical clinic. We started the research based on the most important freudian texts about the subject which would become one of the fundamental concepts for Lacan's understanding.

Therefore we started the research initially over repetition and the symptom, according to Lacan's perspective about it, the function of hazards and its relation to the lacanian subject, its construction and the passage through the mirror stage; the fantasme was as well studied presuming that it was related to repetition, and also the axiom "there's no sexual rapport".

It was considered important to respond to the questions that directed this study which were: what is the function of repetition, what is repetition as the encounter with the real, which is supposed to be taken in consideration in the psychoanalytical clinic.

Key-words: repetition, symptom, real, encounter, chance

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Cap. I - Sintoma.....	10
1. A repetição e o sintoma.....	10
2. Sintoma: prazer e desprazer.....	15
3. Da insistência, do que não passa.....	18
4. O sintoma e o real	21
Cap. II - A repetição e a reprodução.....	24
1. Kierkegaard e a repetição.....	24
2. O que não é repetição.....	30
Cap. III - Repetir e não encontrar.....	38
1. Acaso e Fortuna	38
2. O objeto perdido e o "não há relação sexual".....	43
Cap. IV - Sujeito, barrado.....	49
1. O sujeito lacaniano.....	49
2. O estágio do espelho e o eu.....	51
3. Identificar-se.....	54
Cap. V - Aposta.....	59
1. Do fantasma.....	59
2. Bon heur.....	64
3. Entre o real e a realidade.....	70
4. O que desperta?.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
Referências bibliográficas.....	84

INTRODUÇÃO

De Freud a Lacan

[..] cada batida do meu coração diz de novo, cada suspiro da minha boca faz lembrar – que a coisa mais importante é essa que se repete mais e mais.

Paul Valéry

O tema repetição coloca-se como um assunto extremamente delicado e caro, ora aos analistas, que dirigem um tratamento psicanalítico e ora às pessoas em geral, que percebem certos acontecimentos da vida como governados por algo que lhes escapa, e que chega a ser vivido como herança que necessita ser repetida.

Muitos são aqueles que chegam ao consultório expressando preocupações em relação aquilo que lhes acontece com certa frequência e que caracterizam como algo que se repete ou pode se repetir de algum modo. Esta é sem dúvida uma preocupação marcante na clínica psicanalítica.

Seja na escolha de seus objetos de amor, seja no campo profissional, em geral o que se apresenta como um fracasso e é por vezes constatado após a experiência vivida é relatado como algo que se produziu de novo e à revelia do sujeito.

Esses relatos nos mostram também que ao mesmo tempo em que se constata um acontecimento que se repete de maneira contumaz e que, em geral, é percebido como algo que escapa às deliberações conscientes há, por outro lado, um reconhecimento que deve ser levado em conta que é o do envolvimento do próprio sujeito naquilo que se reproduz.

O que nos interessa é não apenas o que se reproduz como sofrimento, ou aquilo que é percebido como fracasso na relação entre o sujeito e seus objetos, mas também a busca insistente pela repetição de vivências prazerosas.

Podemos pensar que tanto pelo sofrimento quanto pelo prazer há algo que persiste como repetição. O que se impõe como questão é: essa é a repetição da qual Freud falava? Ou é aquela que Lacan transformou em conceito?

Esses são problemas que serão discutidos nesta pesquisa. Por um lado a primeira via de acesso à repetição na clínica se dá pelo sintoma, já que é disso que o sujeito se queixa. Obviamente que no início de uma experiência analítica não se pode deixar de entrever que aquilo que faz sofrer é raramente percebido como ativamente construído pelo próprio sujeito. Mas a análise pressupõe que se chegue a um questionamento fundamental que é: qual é a tua parcela nisso que te acomete como sofrimento.

Ao pensar o sintoma como a primeira via de acesso à experiência da repetição podemos retomar o que em seus Estudos sobre a histeria¹, Freud (1893) diz: “as histéricas sofrem principalmente de reminiscências.” Algum tempo depois ele perceberia que o que as histéricas contavam, relatavam

¹ FREUD, Sigmund. Estudos sobre a Histeria (1893-1895). ESB Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

eram de algum modo fantasias e que não retratavam a realidade, a verdade como um fato. Pois com seu sintoma mais marcante, a conversão, elas pretendiam, sem saber, mostrar algo com o corpo, apontar para uma verdade do sintoma. Já em 1914², na obra *Recordar, repetir e elaborar*, ele afirmará que o paciente repete por não conseguir recordar, desta forma a rememoração ficaria relegada e se oporia à repetição.

Freud também dirá que todos os sintomas neuróticos serão repetidos numa análise, o que pode trazer benefícios para o paciente que encontra um lugar em que a repetição possa se fazer in loco e conseqüentemente pode submeter-se às intervenções analíticas. Partindo desta construção, podemos concluir que o sintoma é, em si, da ordem da repetição.

O que se torna importante aqui é também como o sintoma revela algo que se repete para além do que se reproduz. Com Lacan o que será discutido neste trabalho é o sintoma em sua vertente imaginária, simbólica até chegar no real, como resto que insiste.

A repetição da perspectiva freudiana nos mostra, por outro lado, que há um certo estranhamento sobre aquilo que se repete e que é percebido como algo que fica além de qualquer deliberação consciente.

Em outro trabalho, que é *O estranho*³, ele apresenta ainda alguns exemplos, de suas próprias experiências para falar da repetição. O que a obra de 1919, escrita antes do *Além do princípio do prazer*, nos revela é que algumas situações que são, de maneira incomum, repetidas podem suscitar o “sentimento inquietante.” O que está descrito como exemplo do próprio Freud é sua tentativa frustrada de sair de um lugar (ele estava numa rua

² FREUD, S. *Recordar, repetir e elaborar* (1914) In: *Obras completas*, Vol X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

³ Preferimos utilizar a tradução de *Unheimliche* como o *Estranho* invés de "O Inquietante como prefere Paulo César de Souza.

famosa pela quantidade de prostitutas) e a ela retornar várias vezes. A repetição nesse contexto tem o caráter de algo com o qual não se pode lutar, algo sobre o qual não se pode mesmo deliberar - ele nos fala de uma certa fatalidade para justificar a sensação provocada pelo fenômeno da repetição.

Esse caráter inelutável nos remete à compulsão à repetição encontrada nos neuróticos obsessivos que repetem, sem entender, rituais a perder de vista. De maneira geral, podemos dizer que a repetição concerne à todos, sejam obsessivos, histéricos, fóbicos ou mesmo psicóticos, claro que cada qual à sua maneira e estrutura.

Sobre esse aspecto da repetição e em outro momento de sua obra, mais precisamente em 1920, ao elaborar um *Além do princípio do prazer*, Freud nos falará da compulsão à repetição através do trauma, tendo como suporte sua experiência clínica sobre os sonhos recorrentes. Ele nos dirá que nos sonhos de uma neurose traumática o doente sempre revive no as situações desagradáveis daquilo que foi vivido como um trauma. Trata-se portanto de algo que não está representado e que insiste em se fazer simbolizar através da formação inconsciente que é o sonho. Neste texto encontramos uma tentativa, de Freud, de defender o princípio do prazer como modo de funcionamento do aparelho psíquico, bem como o encontro com algo que escapa a este princípio e coloca em cheque sua teoria do sonho como realização do desejo.

Também no mesmo texto Freud nos trará o relato da observação de seu neto que, ao brincar com um carretel, parece repetir incansavelmente uma experiência de prazer e desprazer. É através desta observação que Freud formulará a existência de um além do princípio do prazer. Assim, sua

pergunta poderia ser formulada da seguinte maneira: por que repetimos também aquilo que nos é desagradável? E o que compele à repetição?

A resposta a essas questões vem sobretudo de sua clínica com os neuróticos. Ele aponta para um “traço demoníaco,” de algo que escapa a uma influência do eu e parece tomar conta da cena para os neuróticos e os sujeitos ditos normais, o que pode ser vivido como destino inexorável. Cito uma outra passagem do texto: “[...], sentimo-nos encorajados a supor que na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer. (Freud, 1920/2010 p. 183)“

Não se pode deixar de perceber aqui uma insistência de Freud por compreender o que é que “sobrepuja o princípio do prazer”, que aparece como uma força “demoníaca.” Passaríamos a falar então da pulsão de morte, que será desenvolvida oportunamente, no decorrer deste trabalho.

A compreensão de algo que se repete e que provoca o desprazer foi o que levou Freud a pensar a pulsão de morte. O sintoma, como o aquilo que provoca o desprazer é o que também sempre retorna e insiste. Há um gozo no sintoma, ou seja, o sintoma também traz consigo alguma satisfação. Ele satisfaz uma outra instância, e o faz sem que o neurótico disso saiba. Isso é elucidado por Lacan ao retomar o trabalho de Freud. O sintoma como uma resposta sempre inadequada a um conflito nos aparece como índice do recalque que insiste em encontrar um caminho melhor a fim de buscar algum reconhecimento. Isso persiste tanto no caráter de inadequação de uma possível solução - pelo sintoma - como pela possibilidade constante de se refazer o desenlace de um conflito. A necessidade de repetir aparece também como uma oportunidade de reelaborar um certo tipo de resposta.

Na teoria lacaniana, partindo do registro do simbólico, não se pode deixar de pensar no caráter circular de toda fala para compreender o que é o inconsciente estruturado como linguagem, bem como todas as formações inconscientes observadas por Freud, pois é no lapso, nos sonhos, no chiste e no sintoma que percebemos o caráter dessa insistência que apontaria então para uma verdade repetidamente.

O retorno do recalcado mostra que há alguma coisa que não está simbolizada; Um afeto ou uma ideia que persevera, insiste em se fazer presente, em se fazer mostrar e se fazer ouvir.

Os caminhos que percorreremos neste trabalho incluem uma retomada de textos em que Freud trata do tema para em seguida abordarmos este conceito em Lacan. Também tornar-se-á crucial para esta construção fazer uso do referencial filosófico apontado por Lacan, que traz à nossa atenção, essencialmente a obra de Kierkegaard, em especial, de um livro do filósofo, com o título a *Repetição*. Neste trabalho, que é abordado de passagem por Lacan em um de seus primeiros seminários ele diz: "[...]ele tenta, então, fazer a experiência da repetição. Ele retorna a Berlim, onde, na ocasião de sua última estada, ele teve um infinito prazer, e ele recoloca seus passos dentro de seus passos⁴."

Ele refaz todo o seu percurso, tenta reproduzir exatamente como em outro momento a mesma viagem e tem como resultado uma experiência fracassada. O que Lacan mostra é que é na tentativa de um reencontro que a repetição fracassa, pois na tentativa de fazer surgir o mesmo, nos deparamos com a diferença. Como assinala Lacan ao dizer: "Ela é o ato pelo qual se faz, anacrônica, a imissão da diferença trazida no significante. Aquilo que foi, se

⁴ Lacan, Jacques. O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

repetido, difere, tornando-se tema [sujeit] a ser reeditado.” (Lacan, 2001/ 66/67 p. 326)

Isso fica claro no exemplo citado por Lacan, no qual Kieerkegaard incorre na tentativa de obter uma satisfação seguindo obstinadamente os passos que fizera outrora e que *desembocam numa grande decepção*.

Quando observamos o sintoma neurótico, seu caráter repetitivo, nota-se que há uma força que impele o sujeito a repetir, fazendo do eu o seu refém. Freud já considerava a dificuldade existente na mudança de uma certa posição libidinal e dizia também que o neurótico ama seu sintoma. Assim, nos parece que na repetição desvelamos um caminho já percorrido que insiste em se refazer e que sempre falha. Na clínica isso é notável, pois da mesma maneira que há uma relação muito íntima ao sintoma, e a alguns significantes há também um mal estar psíquico que acompanha essa intimidade.

Ao mesmo tempo em que o neurótico convive com o sintoma ele (o sintoma) também se mostra como uma entidade autônoma, dito de outra forma, como algo que funciona ultrapassando as deliberações provindas do eu (isso não obedece a minha vontade), há neste mecanismo uma insistência em inscrever algo, logo há um retorno.

Ao pensar a transferência e o que Freud nos diz sobre o que acontece no âmbito da clínica, sabemos que o analisante repetirá com o analista todos os seus sintomas e o que o faz sofrer como o faz fora do divã.

[...] notamos que a transferência mesma é somente uma parcela de repetição, e que a repetição é transferência do passado esquecido, [transferência] não só para o médico, mas para todos os âmbitos da situação

presente. Devemos estar preparados, portanto, para o fato de que o analisando se entrega à compulsão de repetir, que então substitui o impulso à recordação, não apenas na relação pessoal com o médico, mas também em todos os demais relacionamentos e atividades contemporâneas de sua vida [...] (Freud, 1914, p. 201)

Em seu seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, a repetição é elevada ao estatuto de conceito, o que é um avanço em Lacan ao pensar a clínica psicanalítica. E é com isso que este trabalho será desenvolvido.

O objetivo deste trabalho é compreender como a repetição funciona para Lacan que, ao retomar textos primordiais da obra de Freud, traça um novo panorama no que diz respeito à repetição como conceito. Desta forma a finalidade de nosso estudo é entender o que é a repetição para Lacan e como este conceito figurará entre aqueles que serão fundamentais em sua obra.

Visando esse propósito nossa intenção é também fazer uma apreciação do que Lacan denomina de encontro do real.

Os caminhos que percorreremos neste trabalho incluem uma retomada de textos em que Freud trata do tema para em seguida abordarmos este conceito em Lacan.

No primeiro capítulo trabalharemos com os fenômenos que se apresentam na clínica, com o que chega ao consultório, como o sintoma figura entre os motivos que leva alguém a procurar algum tipo de tratamento

e neste caso, o psicanalítico. Tratar-se-á a repetição pela via do sintoma e sua construção como formação inconsciente.

Já no segundo capítulo nosso objetivo será distinguir a repetição, como Lacan a entende, da reprodução, para tanto nos será necessária uma retomada da maneira pela qual o psicanalista vai buscar na filosofia alguns exemplos para construir o conceito de repetição.

Deste ponto em diante passaremos a tocar a repetição pela via do amor, ou das possibilidades e impossibilidades do encontro amoroso e da compreensão lacaniana do objeto que faz objeção à complementaridade.

Ao aprofundar a pesquisa sobre o sujeito e o objeto passaremos à compreensão da fantasia como aquilo que media a relação entre os sujeitos e seus objetos. A concepção de sujeito barrado nos servirá para tal propósito, bem como o axioma de Lacan sobre a relação sexual.

O que funciona como fantasia e se constrói como realidade para cada um e a ficção encontrada nessa realidade nos guiará ao fim deste trabalho para entender como o conceito de repetição se tornará um dos fundamentos da psicanálise a partir da construção lacaniana.

Neste trabalho o que se propõe é pensar a clínica como um espaço onde a repetição se coloca não apenas como obstáculo, mas também como um meio na direção do tratamento.

Com Lacan veremos que repetir não é reproduzir. Assim, uma questão que se faz é: o que há de novo na repetição? Qual o valor clínico do repetir para a psicanálise? O que faz um analista quando percebe a repetição como entrave na direção de um tratamento?

Capítulo I - Sintoma

1. A repetição e o sintoma

Não se fica curado porque se rememora.

Rememora-se porque se fica curado.

(Lacan, 1958 p. 630)

Neste capítulo algumas considerações iniciais serão necessárias acerca da distinção entre a repetição e a reprodução. Caberá estabelecer quais são as faces da repetição que encontramos na experiência clínica, ou seja, seus desdobramentos, seus derivados e suas 'aparições' ou como ela se apresenta fenomenologicamente. Isso é importante para desenvolver o que se segue então como saída para um sujeito que sofre, supondo que isso que se repete provoca algum tipo de sofrimento e mal estar.

Ao nos remetermos a clínica em psicanálise é fundamental, e uma preocupação premente, pensar a repetição em termos do que se pode fazer com ela, ou como ela se apresenta e o que uma análise proporciona na direção de um tratamento.

Quando partimos desse pressuposto o que figura como o mais proeminente aspecto clínico observado é o sintoma que não deixa de estar associado a algo que provoca sofrimento e persiste na história do sujeito como algo preponderante, por vezes incontrolável. Por outro lado, notamos que quando alguém procura uma análise, em geral, percebe um desconforto

maior, por vezes devido justamente a algo que não vai bem, em outras palavras, quando o sintoma, aquilo que se repete, falha.

Sabemos que quando Freud escreveu o trabalho *Recordar, repetir e elaborar em 1914* sua tese apresentava a repetição como uma forma de recordar. Como na vida, o analisando repetiria também todos os sintomas, inibições e dificuldades durante o tratamento com o analista e é justamente a partir desta repetição que o trabalho poderia também progredir.

Os pacientes repetem, na transferência, todas essas situações indesejadas e emoções penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade. Procuram ocasionar a interrupção do tratamento enquanto este ainda se acha incompleto; imaginam sentir-se desprezados mais uma vez, obrigam o médico a falar-lhes severamente e a tratá-los friamente... O que a psicanálise revela nos fenômenos de transferência dos neuróticos, também pode ser observado nas vidas de certas pessoas normais. A impressão que dão é de serem perseguidas por um destino maligno ou possuídas por algum poder "demoníaco". (Freud, 1920/ 2006, p. 32)

O que Freud compreendeu foi que a compulsão à repetição era um modo de recordar do paciente, "ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repetem naturalmente sem saber que o faz." (Freud, 1914/ 2010, p. 200) Levando em consideração o fato de que os pacientes não apenas repetiam aquilo que lhes era agradável, mas também o que lhes

causava sofrimento, Freud passou a questionar a razão pela qual repetimos coisas desagradáveis ou que proporcionavam desprazer e que, portanto não obedeciam ao princípio do prazer.

Na elaboração de sua teoria sobre o *Além do princípio do prazer* sua tentativa era compreender o que acontecia com aqueles que sofriam com sonhos recorrentes e que sempre experimentavam uma sensação muito desagradável, tanto quanto os atos obsessivos.

Ao observar o jogo de seu neto com o carretel, o jogo do *fort-da* ele se questionaria sobre os motivos que levariam uma criança a reproduzir um fato desagradável como a saída da mãe. Neste além do prazer haveria algo que Freud tentaria com muito custo responder, que era: por que repetimos algo que nos é desagradável? E que função havia nesse tipo de repetição para o aparelho psíquico.

Uma das conclusões a que chega a partir da observação da brincadeira de seu neto é que a criança fará uma tentativa de apreender algo que lhe foi traumático, como a saída da mãe, e que ao repetir a experiência desagradável ela estaria então no comando e passaria a controlar a sensação de desprazer provocada pelo 'abandono'. Sua teoria de que aquilo que foi experimentado passivamente e que poderia ser revivido ativamente proporcionaria certo conforto, ou seja, com uma mudança de posição de passivo à ativo com a qual a criança poderia experimentar seu sofrimento de outra forma. Como expõe no excerto abaixo:

[...] tem-se a impressão de que o menino transformou a vivência em jogo por um outro motivo. Ele se achava numa situação passiva, foi atingido pela vivência e, ao repeti-la

como jogo, embora fosse desprazerosa, assumiu um papel ativo. [...]

Vê-se que as crianças repetem, brincando, o que lhes produziu uma forte impressão na vida, que nisso reagem e diminuem a intensidade da impressão e tornam-se, por assim dizer, donos da situação. (Freud, 1920/ 2010, p. 175)

Por outro lado, haveria também um outro tipo de repetição, aquela que não era vivida intencionalmente, ou que fugia a qualquer tipo de controle, que não passava necessariamente pelo princípio do prazer e que no entanto, acontecia sem qualquer deliberação ou mesmo quando a intenção era completamente outra.

Poderíamos pensar, como Freud, na neurose obsessiva e nas diversas experiências neuróticas elucidadas no trabalho sobre o *Além do princípio do prazer*. Ele descreveria esse tipo de repetição como uma ‘força demoníaca’ que podemos entender como algo que excluía a participação da consciência.

Nos idos de 1919, por exemplo, um pouco antes de escrever o trabalho em questão, ele diria em o Estranho, ou *Umheimlich* que ele mesmo passara por uma experiência desse tipo. Em uma de suas viagens a Itália ele narra uma situação em que faria por diversas vezes a tentativa de sair de um bairro famoso por suas casas de prostituição, e no entanto fracassava. Isso lhe provocara uma sensação de estranheza e inquietação, pois embora Freud mantivesse firme sua intenção de sair ele retornara ao mesmo lugar algumas vezes.

Assim, sua conclusão sobre a experiência passada era: “apenas o fator da repetição não deliberada torna inquietante o que ordinariamente é inofensivo, e impõe-nos a ideia de algo fatal, inelutável, quando normalmente falaríamos de “acaso”. (Freud, 1919/ 2010, p. 355)

Isso nos leva a pensar que a repetição não deliberada pode ser inquietante, pois de alguma forma o eu estaria fora de comando, faria sua tentativa de executar uma ação, mas sem sucesso. A vivência repetida que a criança experimenta no jogo do carretel supõe que isso satisfaça algum tipo de necessidade, e na repetição não deliberada parece ocorrer o mesmo, que encerra algum tipo de prazer ainda que a consciência, ou o eu perceba isso como algo desagradável.

Poderíamos pensar que na primeira o eu é quem comanda a ação, ou seja, ele é o 'senhor' e realiza suas intenções sem problemas. Assim o que é repetido passa a fazer parte do repertório do sujeito em uma cadeia de significação e ganha sentido e força, já que funcionará como uma espécie de orientação e trilhamento.

Já na segunda experiência o acontecimento poderia ganhar status de significação somente depois, pois no momento mesmo em que a repetição acontece ela se apresenta como algo incompreensível, e portanto sem sentido, pois no tempo em que se realiza causa apenas uma sensação de estranheza, como Freud descreve. No entanto há uma tentativa de simbolizar, de compreender o que acontece de forma repetitiva para perder seu caráter de estranho. O que aconteceria somente a posteriori.

A repetição de algo desagradável é um empreendimento que visa significar algo que poderíamos nomear como sem sentido, é uma tentativa de realização, assim como o sintoma que é uma formação de compromisso,

ou seja, é um esforço de conciliação entre duas instâncias psíquicas, algo que podemos pensar como irrealizável, mas que insiste em se efetivar de maneira distorcida, ou como Lacan dirá, o sintoma é uma metáfora, mas uma operação fundamentalmente incompreendida.

É também sobre isso que os pacientes falam, de algo que os ultrapassa, ou que não obedece a qualquer deliberação e quando pensamos no sofrimento narrado nos consultórios sabemos que o que se busca é, em alguma medida, uma resposta, pois é sobre o enigma do próprio sujeito que se quer saber. Observa-se que o sintoma e sua forma repetitiva provoca uma inquietação que isso é justamente o que leva alguém a procurar um analista. O porquê de tantas vezes fazer o mesmo, e sofrer sempre da mesma forma, preocupa aquele que sofre. O que fica como questão para aquele que padece do mal estar causado pelo sintoma é que ele desconhece suas causas e o percebe como inevitável. O que fica como não-sabido é que há também algum prazer nesse sofrimento.

2. Sintoma: prazer e desprazer

Aqui é importante retomar a teoria do recalque em que Freud nos diz que o sintoma é uma forma de realizar um desejo, ou que os sintomas “são resultado de um conflito, e que este surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido” (Freud, 1916-17). Assim, ao mesmo tempo em que o psiquismo obedece ao princípio de realidade, ou seja, constitui uma renúncia à realização do desejo ele também obedece ao princípio de prazer, seguindo um caminho tortuoso. Podemos acrescentar que essa formação

de compromisso, o sintoma satisfaz ou é também uma forma de realização do desejo bem como as formações oníricas e o chiste.

Sabe-se que o recalque tem como propósito fundamental evitar o desprazer e sendo o sintoma um derivado do recalque podemos concluir que ele é parte de um arranjo compensatório e prazeroso, ainda que o eu o perceba como desprazer. Ao mesmo tempo em que o recalque busca a satisfação, ele fracassa em cumprir sua função que é evitar o desprazer, ao menos para o eu. O que nos interessa aqui é principalmente a causa da repetição, e sobretudo a repetição do sintoma neurótico em suas variações. Uma vez que isso insiste em se apresentar como inelutável.

Seguindo o raciocínio de Freud em *Além do princípio do prazer* pode-se considerar que repetir uma experiência desagradável para a criança que brinca, por exemplo, é uma tentativa de vivenciá-la de uma outra posição: a ativa – o que fora antes experimentado passivamente. O que indicaria uma investida pautada pelo princípio de prazer, afinal de contas é uma maneira de elaborar a experiência traumática.

Já na compulsão à repetição sua teoria convergiria para o enigmático conceito de pulsão de morte. O que podemos dizer a esse respeito é que no mesmo trabalho de 1920 Freud defenderá que a pulsão tem como característica primordial a repetição. No sentido econômico do termo sabemos que a pulsão busca caminhos já traçados a fim de que não haja um dispêndio de energia tamanho que possa provocar um aumento da tensão no 'organismo' a ponto de desequilibrá-lo. Deve-se levar em conta que a pulsão de morte também implica numa volta ao inanimado, no sentido em que o equilíbrio, ou a mínima tensão seria seu objetivo fundamental e conseqüentemente o retorno a um estado primordial. Sendo assim, a

repetição sintomática, ou a reprodução dos sintomas neuróticos também implica um aspecto econômico que não pode ser desconsiderado.

A pulsão de morte seria considerada a responsável pela compulsão à repetição e poderíamos concluir que inicialmente na teoria freudiana essa insistência na repetição dava-se primeiramente como um fator de resistência ao recordar, ou seja, quanto maior era a resistência mais o paciente repetia em ato algo que fora esquecido e que necessitava ser recordado. Na transferência era tida como o que de início fazia obstáculo à evolução do tratamento, ao mesmo tempo em que o analista poderia servir-se da repetição como um instrumento para suas intervenções. Era considerada também algo que muitas vezes tomava o lugar do não-sabido, já que segundo Freud o paciente atuava fazendo oposição ao saber.

Com a introdução do conceito da pulsão de morte é que finalmente foi possível pensar a insistência do recalcado e conseqüentemente o caráter repetitivo da pulsão. Há aqui uma reviravolta, pois que o material inconsciente não seria aquele que resiste, mas persiste em se fazer mostrar, se fazer presente e o sintoma é uma das formas mais patentes de mostraçõ, velada para o sujeito, mas passível de ser desvelada.

Cabe lembrar que o eu tornar-se-ia para Freud o lugar da resistência ao saber, o que para Lacan vai ser descrito como a paixão da ignorância do neurótico, seria ele aquele que nada quer saber.

O que mais tarde será elucidado por Lacan em seu seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise é que há algo de inassimilável na repetição, algo que não pode ser representado e que está relacionado à pulsão de morte também. Destarte repetir não implica necessariamente o mesmo, e que quando se está às voltas com a repetição não se faz outra

coisa a não ser produzir a diferença, pois já está sob efeito de uma temporalidade.

O que há de inassimilável na repetição é também o que o acaso, a contingência traz como preeminente uma vez que há um acontecimento que só pode ser assimilável no *après-coup*, dito de outro modo, há algo que se coloca como impossível já que fica fora do que pode ser previsto ou calculado. Portanto torna-se relevante pensar qual seria o valor de uma experiência que surpreenderia o sujeito em seu modo repetitivo de existir. Nos parece que aqui o caminho já traçado pela fantasia é colocado em cheque e a possibilidade de mudança se faz presente já que a contingência leva o sujeito a um outro lugar que não é mais o mesmo.

3. Da insistência do que não passa

Em seu segundo seminário, em meados dos anos 50 Lacan, ao retomar os escritos de seu antecessor, apontará para isso que Freud demonstra num esforço de trazer um novo conceito a ser pensado, que é a pulsão de morte. Será essa a tentativa de Freud para responder a questão do por quê da compulsão à repetição. Esta *Wiederholungszwang* é alguma coisa que insiste, e que não funcionaria nos mesmos termos do princípio do prazer. O que leva Freud a elaborar o *Além do princípio do prazer* é o caráter repetitivo de experiências desagradáveis. Ao retomar o trabalho de Freud, Lacan postula a confusão e a ambiguidade que o texto apresenta que seria próprio daquilo que Freud estava construindo já que suas observações clínicas levaram-no a desenvolver hipóteses sobre o caráter repetitivo de certas experiências.

O princípio do prazer implicaria numa tendência a uma baixa de tensão, ou como Lacan diria mais tarde o princípio do prazer tem como função a cessação do prazer, atuando como um princípio de constância. Como se houvesse a possibilidade de um grau zero ou um equilíbrio de tensões geradas no interior do aparelho psíquico. Embora o princípio da realidade tivesse como finalidade a preservação da vida Lacan diria que seu funcionamento é também consoante ao princípio do prazer. A elaboração do conceito de pulsão de morte responderia a pergunta de Freud sobre o porquê de repetirmos experiências desagradáveis ao mesmo tempo em que preconizava um certo princípio do Nirvana que também apontava para um retorno ao inanimado, ao inorgânico, uma vez que a tensão levada a zero seria a própria morte. No texto o próprio Freud discorreria sobre como todo organismo está destinado à morte, mas seguindo seu próprio caminho. Assim, haveria uma maneira de recobrar um equilíbrio que fora perdido.

Por outro lado ao retomar a brincadeira do Fort-Da descrita por Freud no mesmo trabalho, o que Lacan nos oferece ao fazer essa releitura é justamente o nascimento do significante e conseqüentemente do sujeito que pode desejar, pois a ele há algo que falta. E o que seria? Diferentemente de Freud, Lacan enfatiza que a criança ao repetir o *lá e aqui* em sua brincadeira do carretel não é apenas uma tentativa de viver ativamente aquilo que é vivido dolorosamente e de forma passiva, ou seja, como uma maneira de elaborar o abandono da mãe, mas é justamente a tentativa de representar essa falta através dos significantes pares e opostos do aqui e lá e que o que essa operação visa é essencialmente representar o irrepresentável, algo de inassimilável que tem a ver com a ausência e a presença da mãe.

Isso fornecerá as bases para que Lacan possa defender a insistência na cadeia significante, pois é apenas através do significante – o que nos permite enumerar, classificar e fazer equivalências – que há uma possibilidade de retorno que embora possa simular uma repetição não deixa nunca de ser diferente. Pois:

Mesmo ao repetir o mesmo, o mesmo, ao ser repetido, se inscreve como distinto. Eis porque Lacan assinala que a essência do significante é a diferença. (*E.L. André de Souza, 1996 p. 449*)

Essa insistência também se faria no nível do sintoma uma vez que o sintoma se apresentaria como uma metáfora na fantasia do sujeito. Ele é algo que se apresenta ao sujeito concomitantemente como uma charada e como uma resposta. Uma vez que ele está também marcado pelo simbólico, pois está estruturado como linguagem já que é uma formação inconsciente. Nesse sentido existiria uma espécie de sintoma-mensagem já que seria passível de interpretação e poderia também ser reduzido em alguma medida. Haveria, porém uma dimensão nova, introduzida por Lacan, que marcaria justamente aquilo que tanto no sonho, quanto no sintoma, e também na cadeia significante restaria como inassimilável e, no entanto funcionaria como o elemento que colocaria em causa a cadeia significante, o sintoma e o sonho – o real.

Ao assumirmos a concepção de que o sintoma possa conter uma mensagem estamos a falar do sentido, assim como Freud, do sentido do sintoma que seria construído em análise. O sintoma fala. Como dito

anteriormente ele diz uma verdade que não pode ser desvelada completamente ou inteiramente, e o que nos interessa aqui é a vertente simbólica trazida pelo sintoma bem como esse algo que poderia ser considerado o seu núcleo, inassimilável, irrepresentável, o que Lacan mais tarde traduzirá por real.

Torna-se aqui indispensável perceber que esse algo para além da linguagem que movimentava a cadeia significante e o que de certo modo implica a insistência de que Lacan fala é esse resto que por ser irreduzível não cessa de não se inscrever.

O sintoma como aquilo que retorna é para Lacan estruturado simbolicamente, é uma metáfora, uma mensagem da qual não se sabe muita coisa, e é substancialmente construído pela linguagem. Entretanto, há um núcleo do sintoma que aparece como um resto, um núcleo real no sintoma, por isso podemos pensar que não há sujeito sem sintoma, pois mesmo que haja saber sobre o sintoma, esse núcleo faz com que isso persista e se reescreva de maneiras diversas. O que nos levaria a considerar também que é possível que haja novas maneiras de gozar.

4. O sintoma e o real

Em sua vertente imaginária o que percebemos é que o eu vivencia, expressa o sintoma como sofrimento, como desprazer, e o que fica desconsiderado e desconhecido para o sujeito é a importância que ele tem numa determinada forma de gozar, já que há um gozo no sintoma. E ele satisfaz e responde a questão mesma do sujeito que é parte de sua fantasia.

Ao formular sua teoria sobre a constituição do eu a partir da retomada fundamental da obra de Freud, Lacan começa seu segundo seminário com uma exposição sobre os registros do simbólico e do imaginário. Em primeiro lugar ele atesta que o eu é uma construção imaginária e que é também aí que encontramos as defesas e resistências. Ele discorre sobre qual deve ser a instância ou como a intervenção analítica deve incidir. O que Lacan procura reiterar incansavelmente é que a intervenção analítica não passa por um fortalecimento do eu.

A ordem instaurada por Freud prova que a realidade axial do sujeito não está no eu. Intervir substituindo-se ao eu do sujeito, como se faz sempre numa certa prática da análise das resistências, é uma sugestão, não é análise. (Lacan, 1954/ 2010 p. 65)

Assim, podemos reafirmar que a interpretação analítica não deve incidir no eu, mas no sujeito. E o sintoma surgiria como um índice daquilo que é estranho e incômodo ao eu, um índice do funcionamento do inconsciente, é também a marca de uma conciliação mal resolvida que está constantemente insistindo para se fazer reconhecida. E o que Lacan salienta neste momento de sua obra é justamente que o inconsciente é este sujeito desconhecido do eu, não reconhecido pelo eu.

Passando pela experiência analítica é possível caminhar na direção da construção do sentido de um sintoma, re-significar certas experiências, refazer substituições e possivelmente também chegar a uma meia verdade. Pois a verdade do sintoma, Lacan irá dizer mais tarde, só pode ser 'sabida' pela metade, ou como uma meia verdade. O sintoma, tanto para Freud,

quanto para Lacan segue um percurso já traçado anteriormente, e isso o primeiro atesta em seu trabalho sobre *Os caminhos da formação dos sintomas* entre 1916-17, e com Lacan em toda a sua obra ao teorizar a fantasia. Esse caminho refeito, percorrido, a partir dessas marcas que foram traçadas ao longo dos anos e primordialmente, como Freud diria, nas primeiras experiências infantis vão se repetir no decorrer da vida.

O que percebemos na análise e na condição de sofrimento que o sintoma imputa é que ele é, de certo modo, vivido com certa ambiguidade para o sujeito. O sintoma é algo reconhecido pelo sujeito como a razão de seu mal estar. Ao falar do sintoma o que o neurótico demonstra é a intimidade que tem com ele, ao mesmo tempo que ele lhe parece como corpo estranho, pois é estrangeiro pela maneira como se manifesta e se apresenta. “De algum modo, o sintoma repete essa fórmula infantil de satisfação, deformado pela censura que surge no conflito, via de regra transformada em uma sensação de sofrimento.” (Freud, 1916-17)

O eu é uma construção imaginária que não existe sem o simbólico, a entrada no simbólico marca uma perda fundamental em torno da qual vai se construir um sujeito desejante. Isso é o que faz movimentar a cadeia significante e é o que também carrega os traços de identificações assim como da singularidade do Um. Essa insistência de que Lacan fala atesta uma reaparição dos signos, um retorno dos significantes uma vez que a própria cadeia é causada pela instauração do simbólico e do recalque originário, essa insistência é própria do inconsciente. “Não se pode dizer de forma mais clara que a repetição nada mais é que a insistência do inconsciente como palavra verdadeira recalcada que retorna, mas em ato.” (Soler, 2013) Essa poderia ser compreendida como a primeira construção

acerca do tema repetição em Lacan, mas algo que notamos é que o que permanecerá como ponto convergente de sua teoria é da constância dessa experiência e a necessidade de repetir.

Capítulo II - A REPETIÇÃO E A REPRODUÇÃO

1. Kierkegaard e a repetição

Obviamente faz-se relevante lembrar que a concepção de Lacan sobre o tema varia e que há uma distinção entre o reproduzir e o repetir para ele. Não há repetição do mesmo ele atestará, e ao seguir esse preceito ele indicará a obra de Kierkegaard para elucidar esse ponto. Na obra em questão, que não é uma abordagem de um sintoma ou algo que provoca sofrimento, ele se questiona sobre a possibilidade de repetir uma experiência prazerosa. O protagonista da história retorna a Berlim e refaz passo a passo tudo aquilo que lhe trouxera um imenso prazer em uma viagem anterior, se hospeda no mesmo hotel, passa as noites no mesmo quarto, visita os mesmos lugares de outrora, enfim, tenta repetir sua experiência de satisfação. Entre idas e vindas a sensação da impossibilidade de vivenciar todo bem estar experimentado pela viagem anterior se faz patente. Seu experimento só tem um resultado: fracasso.

No início de sua obra Kierkegaard se pergunta primeiramente se uma repetição é possível e qual sentido tem o repetir. Na busca de uma resposta ele se persuade a reproduzir fatos vividos noutra tempo.

A conclusão a que chega:

“A minha descoberta não era significativa, e contudo era curiosa; pois havia descoberto que simplesmente não existe repetição e tinha-me convencido disso à custa de o ver repetido de todas as maneiras possíveis.” (Kierkegaard, 1843/ 2009).

Disso talvez seja possível pensar que mesmo no caminho do princípio do prazer há falhas, e que ao considerarmos a realidade psíquica também no percurso que se faz ao tentar reproduzir uma forma de satisfação primária há sempre a possibilidade de que este caminho regresso possa servir para marcar exatamente uma diferença, pois na tentativa de repetir há sempre um fracasso que acompanha e que pode representar em última instância uma barreira, um impossível de se inscrever que é próprio da estrutura. Por um lado essa impossibilidade prescrita em toda experiência que se faz através de uma tentativa de repetir falha, pois há algo que se introduz e sobre o que não há qualquer possibilidade de antecipação. O real, descrito por Lacan é também isso com que nos deparamos sempre e que poderia ser compreendido como uma espécie de casualidade que envolveria não apenas o tempo, ou o fato de que sempre que reproduzimos algo há uma temporalidade que não falha em se fazer presente e assim, para Kierkegaard ou o seu personagem Constantin Constantius em sua busca pela repetição há essencialmente a interferência do acaso.

E tanto o acaso como o tempo impõe uma marca renovadora, pois uma vez que aquele primeiro acontecimento mágico fica para sempre perdido ao tentar repeti-lo o sujeito não faz outra coisa a não ser se deparar

com uma impossibilidade do mesmo mas da possibilidade do novo, do diferente.

E o que é a tentativa de reviver esse acontecimento senão a investida para reencontrar o objeto perdido, ou a das Ding. Em outros termos o personagem de Kierkegaard parte em busca disso que já se perdeu no tempo e mesmo na lembrança. A repetição teria esse caráter nostálgico que ao mesmo tempo que atira o sujeito ao passado o faz deparar-se com a novidade. E é do fracasso dessa tentativa de reencontro que a psicanálise vai tratar a repetição.

O que a descoberta freudiana pressupõe a partir do funcionamento pulsional é principalmente a falta de um objeto absoluto que poderia apaziguar permanentemente as urgências humanas, isso que aponta para a diferença radical entre pulsão e instinto figura como um dos aspectos essenciais da teoria psicanalítica, pois é ao afirmar que a pulsão não tem objeto absoluto que pode-se pensar a plasticidade pulsional como a propriedade fundamental para a obtenção de alguma satisfação da pulsão, que será sempre parcial e somente por isso ela permanece como uma força constante na relação do sujeito com o mundo. Lacan dirá mais tarde que na relação entre o sujeito e a pulsão há algo que funciona como mediação ou anteparo entre o sujeito e a pulsão que é a fantasia e isso só é possível através da linguagem e de uma rede de significantes.

Esta, ao mesmo tempo que funda o corpo como corpo pulsional (não-natural), institui o objeto como objeto a. O objeto a é ao mesmo tempo resíduo e índice da Coisa, ele é o que permanece por efeito da perda do objeto absoluto; e o que permanece é um furo, uma falta central em torno da qual

organizam-se os significantes. Esse furo, Lacan afirma, é da ordem do real. (Roza, G. O Mal radical em Freud, 2004, p. 66)

Mas o que é o objeto *a* senão aquilo que poderia designar essa falta que instaura o desejo, já que “nenhum objeto é o objeto *a* e todos os objetos se apresentam como pretendentes a seu lugar.” (Roza, 2004, p.68) Quando concebemos que a pulsão não tem um objeto absoluto que possa satisfazê-la podemos considerar que há um movimento que vai em direção ao objeto (que não satisfaz plenamente) e que retorna, e que continua a se produzir como um circuito, por isso mesmo a pulsão é invariavelmente marcada pela repetição. Ou seja, o encontro da pulsão com o pretense objeto registra e reitera a falta. E uma vez que ela não admite um objeto absoluto há uma multiplicidade de outros objetos que podem satisfazê-la parcialmente.

É em torno desse objeto perdido, da *Das Ding* que se organizam as representações para Freud. Originalmente o *das Ding* de Freud é tratado em seu Projeto para uma psicologia científica, e tem como característica algo inassimilável, algo de um interior-excluído. Isso será retomado por Lacan que dirá que esse lugar da Coisa é um lugar vazio, um furo, e ainda ele a definirá como *aquilo do real que padece do significante*.

Quando pensamos a *Das Ding* como sendo representada por esse furo sem significação possível concebemos também a possibilidade de organização de diversas representações que circulam em torno desse vazio; é em relação a *Das Ding* que “os objetos do desejo se constituem e se oferecem, como pretendentes legítimos à pulsão.”(Garcia-Roza, Mal radical,) Esses objetos não podem ser mais do que pretendentes pois:

Na verdade, o objeto procurado não é aquele que encontramos. O que encontramos é um efeito ilusório de nossa procura. A função do objeto encontrado é preencher o vazio do objeto procurado, sem jamais consegui-lo. Enquanto presença ilusória, ele não possibilita a satisfação plena. Esse é o objeto do desejo. Das Ding é o objeto da pulsão. (Garcia-Roza, 2004, p. 105)

E é nesse movimento em direção ao objeto da pulsão que nunca é encontrado, que por não ser jamais satisfeita se repete e nessa repetição clama pelo novo como Lacan diz. Nesse sentido a repetição é criadora de novidade, de diferença o que a coloca em oposição à reprodução do mesmo.

Essa diferença existente entre a reprodução e repetição também é indiscutível quando refletimos a respeito do processo de identificação na constituição do eu, pois haveria também uma tentativa de reencontro com o objeto. Ao acompanharmos Freud em sua Psicologia das massas e sua elaboração sobre os tipos de identificação algo que nos chama a atenção imediata é o que ele a define como sendo o primeiro vínculo ou a forma mais primitiva de amor ao objeto e que seu funcionamento pela via da regressão e da introjeção seria uma substituição dessa ligação objetal.

Poder-se-ia dizer que eu coleciona traços dos objetos de amor que vai encontrando ao longo da vida e que mesmo que quiséssemos conceber esses fenômenos como repetições seria necessário recobrar a ideia de que a eleição de um traço ou mesmo a reprodução dele em um outro já implica uma diferença que não pode ser ignorada.

Tanto Freud como Lacan utilizam como exemplo o caso Dora⁵ ao falar da identificação e do fato de que a paciente imita a tosse do pai. Há uma escolha do significante desse objeto de amor que dá provas dessa ligação amorosa de Dora ao pai. Ela indica a regressão a que Freud se refere em seu trabalho sobre a Psicologia das Massas⁶. Ao mesmo tempo em que com isso constataríamos a presença desse traço que representaria um não encontro com o objeto uma vez que ele já encobriria uma ausência do objeto perdido ou dito de outra maneira: não é simples reprodução do mesmo que se trata na identificação já que o que entrevemos é também o que Lacan denomina como encontro falho. Esta definição “implica que aquilo que se encontra é a falta de encontro. Algo não está ali.” (Colette, 2013)

É também desta forma que Lacan elevará a repetição a um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise juntamente com o inconsciente, a transferência e a pulsão. Toda a experiência analítica será balizada agora por um outro registro que esteve presente desde o início de sua obra e que ganhará o status daquilo que está em jogo na clínica que é o Real. Sabemos que a análise, para Lacan, não funciona sem a participação dos três registros, do simbólico, imaginário e do real e que o acometimento de um deles implicará numa perda e até mesmo constituirá algumas diferenças no que diz respeito as estruturas clínicas por ele estabelecidas.

É possível adiantar que o real como um dos três registros virá apontar justamente aquilo que da repetição não passa, daquilo que fica para sempre perdido e que a repetição não cessa de tentar inscrever.

⁵ FREUD, S. Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905) In: Obras Completas ESB, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996

⁶ FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921) In: Obras Completas, Vol 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Isso demonstra o seu aspecto estrutural. A questão que cabe aos analistas é: o que fazemos então com a repetição? Isso aponta evidentemente para a questão da clínica psicanalítica e da própria travessia de uma análise.

2. O que não é a repetição

A proposta de Freud nos idos de 1914 era que com o progresso do tratamento seria possível um trabalho de rememoração e, por conseguinte elaboração, para tanto seria necessário uma intervenção sobre a resistência que impediria um avanço em direção a cura, como ele colocava: “quanto maior a resistência mais o recordar será substituído pelo repetir.” Por isso ele salientava que aquilo que era vivenciado pelo paciente era de algum modo reproduzido durante o tratamento, o que ao mesmo tempo em que poderia ser tratado como material de análise ou sujeito à intervenção do analista, poderia conseqüentemente ser modificado na realidade. O terreno da análise era apropriado para que o paciente tratasse disso que era vivido também fora do consultório. Essa era a ideia de Freud sobre a maneira de tratar a repetição e era também uma indicação de ela poderia ser objeto de análise.

Quando a ligação pela transferência tornou-se de algum modo aproveitável, o tratamento chega a impedir que o paciente realize os atos de repetição mais significativos e a utilizar a intenção para aquilo *in statu nascendi* como material para o trabalho terapêutico. (Freud, 1914/2010, p. 205)

Considerando a construção freudiana estaríamos aptos a proporcionar, através da transferência, uma possibilidade de diminuir o sofrimento provocado pelos sintomas. Freud defendia a ideia de que um dos meios para tratar a compulsão à repetição era o manejo da transferência, pois haveria com a transferência a possibilidade de encontrar uma zona intermediária entre a vida e a doença. Poderíamos pensar então que o repetir está no princípio de uma análise e que sua meta final seria a elaboração, segundo Freud.

Lacan dirá, no entanto que não se cura porque se rememora, mas se rememora por que se está curado. Uma vez que *o inconsciente está estruturado como uma linguagem*, e a análise funciona considerando esse preceito, é possível reinventar outros modos de existir segundo a história que se conta quando nos aventuramos no encontro com um analista. E é somente através do potencial significante, de estabelecer novas associações, produzir novas metáforas, e dar novos sentidos as experiências vividas anteriormente que se faz possível adotar uma nova posição perante o que foi, o que se perdeu, o que já não é e o que pode ser.

É daquilo que a repetição não cessa de tentar inscrever que pode-se produzir o novo e conseqüentemente a diferença. É necessário frisar que para Lacan, há um limite onde a rememoração esbarra e esse limite pode ser chamado real. O que poderia ser tomado como impotência passa a ser descrito como impossível, próprio da estrutura, pois no limite o real é aquilo de impensado, “um vazio no cerne da rede dos significantes.” (Soler, 2013) Nesse sentido, o irreduzível da repetição é o próprio do real que sempre retorna ao mesmo lugar.

Esse impensável, irreduzível do real pode também servir como fundamento para uma experiência nova.

E é disso mesmo que se trata quando Lacan nos diz, inaugurando o seminário sobre os quatro conceitos fundamentais, que é naquele que claudica que a fenda se faz presente. É desta intromissão do inconsciente, de algo da ordem do não-realizado, mas que insiste a todo custo a realizar-se que podemos pensar o sujeito desejante. As formações inconscientes, os sonhos, os lapsos, os chistes e os atos falhos, e por que não os sintomas são demonstrações disso que é o não-realizado, mas que subsiste e persiste como tentativa de realização e mesmo significação.

O que Lacan atesta é que tais formações inconscientes são “achados” e que consideradas como uma espécie de solução que não é essencialmente acabada mas que toca o sujeito em um sentido único. E uma vez considerada a repetição, a insistência disso que observamos na clínica, já que podemos até mesmo enumerar certas vivências como repetidas, podemos tomá-las no sentido que Lacan enuncia como um reachado, instaurando a perda, já que está sempre “prestes a escapar.” O que fica prestes a escapar é o real, pois ele é o que o pensamento não alcança, “[...] é isso que se furta ao pensamento, uma espécie de focus, diz Lacan, que resiste a ser pensado.”(Soler, 2013) Mas é em torno disso que a rede significante se organiza e gravita.

O que as formações inconscientes revelam é que há uma persistência própria do inconsciente que poderia ser considerada como uma tentativa de alcançar e significar esse impensável que é o real.

“Ali, alguma coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade.” (Lacan,

1964) Essa estranha temporalidade de que Lacan nos fala nos remete a perda que se instaurou no momento mesmo em que adentramos ao mundo da linguagem, ao simbólico, isso não se faz sem que algo continue a operar ativamente, insistindo para a produção do novo. É no tempo presente que sentimos o efeito dessa perda que tentamos a todo o momento ressignificar, a consequência disso é a possibilidade de dar novos sentidos e encontrar outros significantes, é a possibilidade de reescrever a própria história levando em conta esse real, pois é não apenas de uma perda, mas de uma falta fundamental que faz desejar E é dessa relação entre a repetição e o real que tratamos aqui.

Algo que se torna relevante ao defender essa relação é: será a repetição também da mesma ordem que as outras formações inconscientes? Ou devemos considerá-la como fato de estrutura e também a ser tratada de maneira diferente das demais? Sabemos que de algum modo a diminuição do sofrimento, assim como outras possibilidades de gozar são expectativas e a esperança depositada na experiência analítica.

Com isso é possível afirmar que há sim um deslocamento do sintoma, uma vez que a análise possibilita compreender como o sintoma expressa de algum modo a organização fantasística do sujeito, ou seja, ele é parte dessa resposta ao enigma do Outro. Freud dirá que a fantasia traça o caminho, através da condensação e do deslocamento, tal como nos sonhos. Isso significa que essa mobilidade, essa plasticidade contam a favor da cura, já que é sempre possível formar novos sentidos e conseqüentemente tomar novos significantes como representantes do sujeito em questão.

Freud oferece o recordar como uma saída possível para o repetir, e já que tomamos também o sintoma aqui como algo da ordem da repetição,

poderíamos dizer que a rememoração seria uma tentativa de sustentar um processo de cura. No entanto Lacan dirá que isso, rememorar, tem um limite; "[...] tudo isso só marcha até um certo limite, que se chama o real." (Lacan, 1964/ 1998, p. 51)

Cabe lembrar neste ponto que quando Freud discorria sobre a neurose traumática e o trauma em si ele nos falava de algo que era não-representável, algo como um resto. Observamos que esta teoria – um energia livre, solta, sem representação – também foi utilizada por ele em outros momentos de sua obra. Portanto, os sonhos recorrentes e reincidentes eram uma tentativa de elaborar ou representar aquilo que fora vivido outrora e que não pode encontrar uma forma de significação. Assim também funciona o sintoma e a repetição quando pensamos na reincidência e em sua reaparição. Na cadeia significante essa insistência é tanto observável como fenômeno bem como vivida como algo de uma importância singular para aquele que a vive.

Essa energia, isso que é não-representável está presente desde o início, afinal é isso que talvez possamos entender daquilo que Lacan fala da marca que o simbólico produz, de seus efeitos, consequências. Ao pensarmos a cadeia significante e o retorno dos signos, como Lacan coloca, sabemos que ela, a cadeia, é sustentada pelo real, assim como a fantasia também serve de suporte ao real e protege o sujeito deste, como Lacan diria.

Portanto ao pensar a direção do tratamento e a redução do sintoma podemos dizer que é para além da fantasia que a psicanálise aposta. Pois não apenas o sintoma, mas a fantasia manifestam os modos de relação do sujeito a essa falta fundamental. Sendo assim, é pensando para além da

fantasia e do sintoma que ele pode experimentar algo que é também da ordem do real.

E o que é o real senão aquilo que por ser não-representável insiste. Esse real tem como resposta um nó de significantes e significação, é a palavra recalçada que retorna, através do sintoma e de outras formações inconscientes. Ela retorna em ato como uma espécie de rememoração, simbólica, se acompanharmos Lacan neste ponto. Porém ele não para por aí. É possível argumentar que mesmo a repetição na cadeia significante, o retorno dos signos nada tem a ver com a repetição do mesmo, ou com a reprodução. Em primeiro lugar é necessário assinalar que sempre se trata de um reencontro fora de tempo, um passado que retorna e que tem como referencial um eu que contabiliza, enumera e identifica. Mesmo assim, a repetição é diferente da reprodução, e esta ideia será defendida veementemente por Lacan, repetir não é reproduzir. Ele fará uso da experiência catártica para marcar a diferença entre os dois conceitos.

Neste tipo de experiência o que se pretendia, nos primórdios da psicanálise, era retornar a raiz do problema, ao trauma que era a causa dos mais diversos problemas psíquicos estudados por Freud. Não foi à toa que Freud abandonou o método catártico. Ele reconheceu que o trauma não era uma experiência vivida factualmente, mas era algo da ordem da fantasia. Assim, mesmo através da hipnose, que se sustentava pelo fato de um retorno artificial à cena primitiva. É assim que Lacan distingue a repetição da reprodução.

O que Lacan salienta como distinto da repetição é primeiramente o *Wiederkehr* de Freud, que poderia ser entendido como o retorno na rede de significantes, que vem da noção de entrecruzamento, de volta e que é

também percebido no funcionamento do sintoma, carregado de significações e passível de ser decifrado; Uma vez que sua formação tem a mesma estrutura das demais formações inconscientes (chistes, lapsos, sonhos e etc), o sintoma pode conter um significado e ele é diferente para cada sujeito. O sentido do sintoma não é generalizável, mas uma resposta singular do sujeito.

E o que se faz em análise é construir um saber sobre o sintoma que, como o inconsciente, é estruturado pela linguagem. O que retorna na cadeia está não apenas os significantes primordiais, ou seja, aqueles que marcaram o sujeito, mas também a impossibilidade de tudo significar, de tudo simbolizar.

O que esse retorno promove é em última instância a ideia mesma de repetição tal como Lacan descreve, pois é disso que fica como resto e que insiste em ser simbolizado que pode haver um novo saber não apenas sobre o sintoma, mas sobre o lugar onde alguém se coloca como sujeito. Assim podemos dizer que o fato de que o sintoma se estrutura como linguagem é também o que aponta para uma perspectiva nova em relação ao seu sentido. Pois é entre um significante e outro que algo pode se modificar.

O neurótico tentará obstinadamente preservar seu modo de gozar pois isso lhe traz alguma segurança, sendo assim, ele insistirá em reproduzir suas vias de acesso ao prazer - que pode consistir em desprazer para o eu - e ao fazê-lo ele não encontrará o mesmo, mas a diferença. Isso é também o que nos mostra a obra de Kierkegaard.

Nesta obra há uma tentativa de reproduzir exatamente aquilo que foi vivido anteriormente, isso é o que o protagonista busca ao retornar a

mesma cidade, ao mesmo hotel, ao mesmo quarto, realizar as mesmas atividades que forma experimentadas antes para finalmente sentir o mesmo prazer de outrora. Sua experiência é nada mais que um fracasso, ele conclui que a repetição não é possível. Cabe ressaltar que o aspecto temporal não é levado em conta nesta tentativa de repetir. Falávamos em temporalidade, ou neste sujeito que reproduz; os mesmos hábitos, as mesmas condutas, as mesmas reações, experiências que podem ser enumeradas, assim como as semelhanças entre as escolhas de objeto, os traços, características herdadas que são reproduzidas ao longo da vida de um sujeito, seja pela uma identificação ao eu ideal, seja uma resposta ao ideal do eu.

É possível dizer que isso gera não somente uma economia psíquica que segue, atende primordialmente, mas não só, ao princípio do prazer. Assim como o hábito ou isso que se reproduz cotidianamente e que canaliza a libido por vias estáveis e constantes sobre as quais não se faz necessário nenhum pensamento. Obviamente que a existência de hábitos, os modos de agir e o comportamento são organizadores da vida pulsional já que estabelecem os caminhos através dos quais obtem-se algum prazer, pois está relacionado à economia psíquica e motora.

Do mesmo modo a identidade também é produtora de certa estabilidade no eu. Tal concepção de uma função reguladora corresponderia ao que Freud teorizava como o princípio do prazer e que Lacan definirá como o princípio de homeostase, ou da diminuição da tensão no aparelho psíquico.

Poder-se-ia arriscar uma hipótese de que aquilo que se reproduz como hábito é regido principalmente pela pulsão de morte, uma vez que é em

virtude de uma baixa da energia psíquica que essas reproduções se realizam.

Capítulo III - Repetir e não encontrar

1. Acaso e Fortuna

[...] Interrogo meu coração: qual dor o desperta,
Que crime por mim mesma ou em mim
consumado?
...Ou se o mal me segue com seu sonho velado
[...]

Paul Valéry (1917, p.18)

No seminário sobre os quatro conceitos fundamentais Lacan diz que a psicanálise é uma prática que nos põe em “condição de tratar o real pelo simbólico.” (Lacan, 1964) Poderíamos assumir que a análise possibilita não apenas a apreensão do trauma através da simbolização, ou seja, do que a linguagem facilitaria em termos de produzir novas significações a partir da articulação significativa, como também pacificar a relação do sujeito com aquilo que há de impensável e incalculável nos acidentes da vida, na contingência e no acaso. Tratar o real pelo simbólico não significa que eles sejam intercambiáveis, ou que a psicanálise se proporia a dominar ou eliminar um ou

outro. Essa esperança de dar sentido a tudo, a toda experiência humana produziria uma análise interminável e ainda assim restaria sempre esse algo inapreensível que é o real.

É da íntima relação que se estabelece entre a repetição e esse real que versaremos neste segundo capítulo. De que forma esta é concebida por Lacan e o que é que ela revela?

Sabemos que Lacan nos apresentará a repetição como diferente da reprodução do mesmo. Para tanto ele fará uso de dois termos apresentados por Aristóteles para falar da função da causa, denominados autômaton e tiquê que seriam traduzidos como acaso e fortuna, o primeiro correspondendo ao retorno dos signos ou à rede significante e o segundo como o *encontro do real*.

É necessário precisar em primeiro lugar a ideia de autômaton como o retorno dos signos na cadeia significante. “A cadeia significante nada mais é do que a cadeia do desejo comandada pelo princípio do prazer” (Garcia Roza, 1986); é por estar inserido na ordem simbólica que alguém pode desejar, e falar sobre isso, já que a linguagem é uma forma de organizar as experiências do mundo, suas relações, a identidade e a diferença.

Dessa é que podemos conceber o desejo como aquilo que insiste e se mostra primordialmente através desses modos de organização, como cada um traça o percurso de seu desejo, como metonimicamente este desliza e se desloca para buscar sempre novos objetos; isso só se faz, pois em primeiro lugar considera-se uma alienação profunda do eu em relação ao sujeito que é constituinte e constituído através das imagens formadoras de uma identidade, também, pois ao adentrar a linguagem há uma falta que é instaurada e veiculada a partir desse desacordo radical entre o sujeito, aquele para quem

alguma coisa falta, como falta-a-ser e o eu como lugar do desconhecimento.

Falar em análise promoveria assim um reconhecimento desse sujeito, ou daquilo que não encontra conformação à imagem, depois reconhecê-lo como parte de si mesmo, esse falar implica que o retorno exista e persista na cadeia, ou em um discurso, pois é a própria estrutura da linguagem que possibilita o entrecruzamento, a substituição, a associação e significação; o que pode ser considerado como um fenômeno observável na clínica analítica, afinal é disso que se fala em análise, dessa insatisfação, do medo de reproduzir maneiras de se relacionar com o mundo, de escolher sempre o “mesmo”. E é com isso que trabalhamos em análise, mas não só. O que fica ratificado por Lacan ao dizer: “Nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real.” (Lacan, 1964)

O real está para além do autômaton, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do autômaton, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida. (Lacan, 1964/ 1998, p. 56)

E é através de um dos sonhos tratados em A interpretação dos sonhos que Lacan prosseguirá com o encontro do real, ou com a tiquê. O que nos é relatado por Freud no capítulo VII de sua obra é o sonho de um pai que se retira para o cômodo ao lado daquele em que seu filho está sendo velado para se repousar um pouco e com isso ele conta com a ajuda de um ‘velhote’ como descreve Lacan, para que guarde o filho enquanto nosso protagonista vai para o quarto ao lado. Nesse relato sabemos que o ‘velhote’ fracassa em seu

compromisso e acaba por cochilar um pouco; um acidente toma lugar nessa cena da realidade, uma vela cai sobre o filho falecido ao mesmo tempo em que o pai, que dorme no cômodo ao lado sonha com este mesmo menino que lhe diz: “pai, não vês que estou queimando?”

Como seria possível pensar a repetição a partir de um relato como esse em que os eventos acontecem apenas uma vez? É com esse sonho que Lacan tratará da tiquê, ou desse encontro com o real que é essencial para compreender o que Lacan diz da repetição.

Entre o que acontece como que por acaso, quando todo mundo dorme – a vela que vira e o fogo nos lençóis, o evento insensato, o acidente, a má sorte – e o que há de percuciente, ainda que velado, no Pai, não vês que estou queimando – há a mesma relação com que lidamos numa repetição. (Lacan, 1964/ 1998, p. 70)

Essa relação se dá principalmente, pois o sonho, e mesmo o acaso do acidente que se passa na realidade remetem a uma outra realidade que é do encontro faltoso, do pai que sofre pela morte do filho e que em alguma medida não pode salvá-lo do desamparo primordial que é próprio do humano. É com isso que o pai se depara, com a falta desse grande Outro, ou desse que poderia tirá-lo do desamparo. Essa chama evoca um encontro que é falho pois o filho que aparece no sonho não indica a realização de um desejo, como Freud postularia, mas uma separação, um impossível do encontro com o objeto. Como nos diz Colette Soler:

A criança morta, acidente da vida, não é somente o fogo no quarto ao lado, que é acaso da vida; a criança morta vem no próprio lugar do objeto que falta que, por sua vez, não é por acaso. É justamente o contrário da interpretação de Freud, eu já disse. O segredo do sonho não é que ele faça reviver o filho, é que morto ele representa e apresenta o mais pungente do objeto faltante. (Soler, 2013, p. 46)

Esse é o acaso que faz metáfora desse real que está além da cadeia significante e além do princípio do prazer. É disso que se passa como pura contingência, que não está atrelado a imagem alguma, que o pensamento não alcança que se refere o real.

Pois o que o pai, que sobrevive, encontra quando desperto desse sonho com a criança que ainda vive é justamente a falta de encontro. Este encontro que remete ao mais íntimo da subjetividade humana não podemos antecipá-lo, assim como o acaso. E é mesmo disso que o neurótico se queixa o tempo todo em análise, daquilo que ele não consegue fixar, prender, disso que escapa a qualquer cálculo e desígnio, que não se conforma, mas que segundo Lacan nos é apresentado como fato de estrutura, por isso impossível.

Essa impossibilidade é do encontro do objeto. No lugar do objeto o que se encontra é fundamentalmente a decepção, o que falta. Aqui poderíamos pensar que a psicanálise, ao adotar essa acepção, poderia transformar os analisados em sujeitos resignados já que há algo que não se realiza; no entanto o que se nos apresenta como desventura, uma vez que é estrutural é também a causa, o fundamento para continuar desejando. Afinal isso que se apresenta como impossível é “O real não obedece ao mundo externo nem obedece à organização da realidade psíquica..”(Garcia Roza, 1990) Se isso se

situa “aquém e além da ordem e do princípio do prazer” é também o que não pode ser simbolizado, não pode encontrar imagem que lhe corresponda, por isso o real é impensável.

E o que se faz em psicanálise é também levar em conta que as experiências humanas podem ser guiadas por esse mais-além e que elas, com seu efeito de ruptura, já que fora de sentido, podem dar lugar à diferença, ao novo. Nesse sentido, “a repetição como a efetuação da não relação sexual, que só pode ser reiterada ao sabor dos acidentes da vida” (Soler, 2013) tem um papel fundamental para que o sujeito aí encontre maneiras de lidar com o que lhe escapa com um “arranjo singular”, por isso Lacan nos diz que “a repetição demanda o novo.” (Lacan, 1964).

2. O objeto perdido e o “não há relação sexual”

O que está em jogo na repetição é o que ela reitera naquilo que Lacan diz e que sempre se mostrou um tanto enigmático na fórmula “não há relação sexual.” Isso nos remete a divisão fundamental do sujeito e ao que ele nomeará como o objeto a. No sonho o que ele, o pai, encontra não é nada além de seus próprios objetos. Aqui podemos retomar o motivo pelo qual Lacan se utiliza de Kierkegaard para ilustrar o que acontece na repetição. A narrativa do personagem nos mostra o impossível de se concretizar que é o encontro do objeto. Percebemos que a obra do filósofo dinamarquês poderia nos levar a pensar que a relação de que se trata é a do jovem e de seu objeto de amor, no sentido carnal, de uma relação que de fato, segundo o conto, não se concretiza, mas não é disso que se trata na repetição. É importante que

façamos uma reflexão sobre o que Lacan nos fala desse algo que ele considera fundamental e que situa-se na obra sobre a repetição.

Antes de iniciarmos com uma exposição sobre a relação entre o que Lacan nos diz da obra de Kierkegaard e seus desdobramentos na teoria torna-se necessário uma citação bem pontual da obra em questão:

A rapariga tem uma importância enorme, ele nunca poderá esquecê-la, porém ela não tem importância por si mesma mas sim por via da relação com ele. Ela é por assim dizer a fronteira para o ser dele; [...] Estou inteiramente convencido de que ele não conhece minimamente a rapariga, embora tenha estado ligado a ela e desde então porventura ela lhe não tenha saído do pensamento. É uma rapariga, ponto final; se, em termos mais concretos, é esta ou aquela [...] nisso ele não pensa minimamente. (Kierkegaard, 1843/ 2009, p.90)

Quando Kierkegaard nos diz sem grandes pretensões que “ela não tem importância por si mesma” ele desvelaria aquilo que Lacan dirá mais tarde da falta de encontro entre sujeito e objeto. Para melhor compreender isso é válido retornar no que Freud nos diz do princípio do prazer.

Ao postular a existência do princípio do prazer Freud nos falava primariamente de uma submissão dos objetos ditos ‘reais’ que funcionariam para manter a tensão psíquica nos níveis mais baixos ou adequados ao aparelho psíquico, ou seja, trazer um pouco de satisfação, o que diminuiria a tensão causada pelo desejo; haveria uma lembrança de uma satisfação primeira que comandaria a busca pelo bom funcionamento do princípio do prazer. Se defendermos a tese de que esse movimento visava a satisfação e

que independentemente do princípio de realidade o objeto em sua especificidade se assemelhasse à essa memória ele poderia servir para apaziguar as tensões provocadas pelo desejo.

O que fica claro para nós é que a realidade não é factual, mas a que se submete ao princípio do prazer naquele sujeito, ou seja, é a realidade psíquica que está eminentemente em atividade, por isso, para Freud, encontrar um objeto é sempre reencontrá-lo, uma vez que o que se mostra como o mais pungente nessa busca não é o processo regulado pelo princípio de realidade, pois este, como Lacan formulou está também subordinado ao princípio do prazer, mas o papel que as primeiras experiências de prazer teriam na mais tenra infância.

Ao tomar o texto sobre a negação percebemos que há algo de fundamental que é retomado por Lacan no seminário sobre a ética que nos remete aquilo que Freud descreve como o modo de funcionar do eu em sua relação com os objetos no que se refere à sua constituição como separado de seus objetos e da busca por satisfação que segundo ele nos dizia poderia se dar de duas maneiras: a alucinação do objeto e sua busca no mundo externo. Isso nos remete à distinção do objetivo e do subjetivo pois, por um lado, os objetos estariam disponíveis ora no mundo externo e ora no interior do aparelho psíquico. Sobre isso Freud nos diz:

A oposição entre subjetivo e objetivo não existe desde o começo. Ela se instaura apenas pelo fato de o pensamento possuir a capacidade de mais uma vez tornar algo percebido, reproduzindo-o na imaginação, sem que o objeto necessite mais existir no exterior. A meta inicial e imediata do exame de realidade não é, portanto, encontrar na percepção real um

objeto correspondente ao imaginado, mas sim reencontrá-lo, convencer-se de que ainda existe.” (Freud, 1925/ 2011, p. 279-280)

Podemos dizer que o eu não está formado desde sempre mas é na relação com o outro que a identidade poderá ser construída como diferente do outro. Nesse processo da organização de um eu separado do outro haverá inicialmente o que podemos nomear como um corpo que demanda satisfação de maneiras diversas que ao serem supridas por um outro não pode ser concebido como separado disso que se apresenta para o prazer, ou seja, o seio que se oferece não é um objeto ainda por não existir a distinção entre o interno e o externo que só se fará após o advento da constituição do eu. Portanto o que se afigura como satisfação ou não, não é percebido como advindo de um mundo externo pois essa ideia só poderia ser consequência de um eu já constituído.

Uma vez constituído o objeto, o “estado original” no qual não há nenhuma distinção entre criança e o seio ou entre o sujeito e o objeto (pois o sujeito somente vem a ser quando o seio faltante é constituído como objeto, e na relação com esse objeto), nunca poderá ser reexperimentado. Portanto, a satisfação obtida na primeira vez nunca poderá ser repetida. (Fink, 1995, p. 120)

Com isso podemos concluir que o objeto é, em sua radicalidade, fantasmático e impossível de ser encontrado na realidade, por isso mesmo ele

está essencialmente submetido à “engenharia do *Imaginário* e à *lógica do fantasma*.” (Safatle, 2005)

Quando pensamos na não existência da relação sexual algo que imediatamente entra em cena é da impossibilidade de encontrar um objeto próprio ao desejo, pois como já dissemos anteriormente “a característica principal do desejo é ser desprovido de todo procedimento natural de objetificação. Ele é fundamentalmente sem objeto...” (Safatle, 2005, p. 70) Isso nos leva a considerar o que foi dito por Lacan sobre as relações de objeto e em como isso se configura de sujeito a sujeito. É a partir de sua análise sobre o que Freud dizia das relações de objeto que Lacan construirá o axioma sobre a não relação sexual.

O que isso significa? E qual seria sua relação com a repetição? São questões que nos guiarão daqui em diante para refletir quais são suas conseqüências clínicas ao pressupor que em primeiro lugar que: a repetição está em relação com o real, ou a repetição remete ao real; segundo: supor um real que existe aquém e além de toda a articulação significante e, portanto da ordem simbólica e imaginária significa pensar como toda a prática da psicanálise é conduzida a partir disso, ou seja, levar em conta que ao mesmo tempo em que há algo que não passa pela cadeia, que é avesso à simbolização, à imagem, à representação, esse mesmo algo é também causa de desejo.

A repetição remete ao real próprio da estrutura que é aquilo que não cessa de não se escrever. E o que não cessa de se escrever é isso que permanece como resto nessa operação da constituição de um eu e do objeto, é a divisão própria do sujeito. Por isso na relação de pai e filho, como no sonho,

e mesmo na relação homem e mulher, como na ficção de Kierkegaard o que fica patente é que “na repetição, aquilo que encontramos é a ausência do parceiro ...” (Soler, 2013).

É a ausência de um parceiro que poderia se adequar ao modo de relação que a fantasia prescreve, por um lado é a partir deste mesmo desencontro que o sujeito se determina. No encontro com a amada, em Kierkegaard o que fica claro é que a diferença que ela poderia oferecer como uma mulher real é posta em cheque, pois o que ele escolhe é recolher-se, afastar-se e encontrar no plano da fantasia o objeto que poderia completá-lo.

Por isso podemos dizer que o que o sujeito encontra é a falta de encontro; ele não se depara senão com a sua própria divisão.

Se pensamos no funcionamento da pulsão na busca por satisfação, como Lacan descreve, ela vai em direção a um possível objeto e faz sua volta, como se contornasse o objeto e retornasse ao sujeito, o que determina o encontro com sua própria falta e conseqüentemente com nada mais nada menos que seu objeto a, ou aquilo que é causa do desejo, esse é o encontro falho da tiquê. Como Lacan fala: “O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz – a expressão nos diz bastante sua relação com a tiquê – como por acaso.” (Lacan, 1964, p. 56)

Isso que acontece por acaso, como um pai que perde um filho, ou mesmo, um encontro amoroso nos remete àquilo que alguns poderiam chamar de “pior”, mas que é essencialmente o que nos coloca em posição de desejar. Portanto, a questão da Jovem Parca aqui retorna para ganhar novo valor, se pudéssemos arriscar uma resposta ela seria: a divisão do sujeito.

Capítulo IV - Sujeito, barrado

1. O sujeito lacaniano

[...]

Perguntei-lhe em seguida
o segredo de nosso
convívio sem contato,
de estarmos ali quedos,
eu em face do espelho,
e o espelho me devolvendo
uma diversa imagem,

[...]

Carlos Drummond de Andrade (2002, p.99)

Neste terceiro capítulo encontraremos o sujeito tal qual Lacan o explicitou e como essa construção teórica foi estabelecida ao longo de seu ensino. Aqui trataremos do sujeito e sua relação com a repetição ou: porque ao falar da repetição primordialmente como o encontro com o real nos deparamos em primeiro lugar com o sujeito.

O sujeito em Lacan pode ser primeiramente concebido como uma posição em relação ao Outro, a linguagem e o inconsciente. Sabemos que antes mesmo do nascimento a linguagem aparece como o veículo primeiro de expectativas, desejos, frustrações daqueles constituirão a base fundamental para a formação de um sujeito. A criança já tem um lugar determinado no discurso familiar; isso irá marcá-la profundamente em seu devir como sujeito.

Sabe-se que a criança, ainda incapaz de expressar-se através da linguagem, é submetida às representações que lhes são alheias e que dão forma às sensações, que são nomeadas segundo um discurso que marca uma subjetividade que existe antes mesmo de seu surgimento.

Portanto podemos presumir que ao mesmo tempo em que esse processo se faz necessário - pois é através de um outro que ela aprenderá a expressar seus desejos – também considera-se que um desacordo já existe desde o princípio, pois se as sensações, as vontades, os desejos são de antemão nomeados por um outro até que o uso da linguagem possa se fazer possível, há uma alteridade que se interpõe e que é constituinte daquilo que será pronunciado em nome próprio. Essa é uma forma de alienação fundamental para o advento do sujeito.

É também assim que o eu será organizado, primeiramente como constituído socialmente e por conseqüência, sujeito a todos os equívocos que a linguagem conserva.

Isso que internalizamos do outro é marcado a priori pelos ideais sociais, pelos desejos desejados, pelas expectativas que são parte de uma outra individualidade. Por isso Lacan reitera constantemente que o “eu é um outro”, frase de Rimbaud que descreve precisamente como o eu é formado a partir dessa alteridade.

A maneira como o Outro parental vê a criança terá efeitos sobre a maneira como o eu se vê, ou seja, todo o discurso consciente será por consequência reflexo de um processo de identificação a essa imagem que foi outrora internalizada, e é a partir de uma auto-imagem ideal que a realidade poderá ser também concebida e percebida. O eu é constituído como objeto imaginário e por isso é lugar de desconhecimento.

O que Lacan apresentará como um de seus pivôs para a compreensão da gênese do eu é o estágio do espelho. É através da formação da imagem do corpo como unidade que Lacan discorrerá acerca do que está em jogo na constituição do eu.

2. O estágio do espelho como processo formador do eu

Sua tese sobre a constituição do eu marca uma predominância da identificação à imagem. O que ele denominará como o estágio do espelho terá papel fundamental para compreender a aceção de sujeito segundo a psicanálise, sendo o eu algo que não se confunde com o sujeito. Lembrando que o eu é lugar de desconhecimento segundo Lacan.

Este primeiro tempo na constituição do eu poderia ser descrito como precipitação de uma imagem unificadora que é antecipada pelo outro. É através do estágio do espelho que Lacan nos mostra como as imagens são primariamente mais constituintes do que constituídas já que inicialmente há a antecipação de uma imagem unificadora que lhe chega de fora e tem efeitos sobre o desenvolvimento mental de todo sujeito. Isso se dá pois o indivíduo ao nascer é um ser completamente dependente do outro para sobreviver e ainda prematuro enquanto unidade corporal. Essa forma que o ser humano vê realizada só é possível a partir de uma exterioridade. Essas imagens tem caráter transformador já que o indivíduo se identifica a elas. Como diz Fink: "...o eu, de acordo com Lacan, surge como uma cristalização ou sedimentação

de imagens ideais, equivalente a um objeto fixo e reificado com o qual a criança aprende a identificar.” (Fink, p. 56)

Há uma cisão fundamental que é resultante deste processo já que o eu é constituído através dessas imagens que lhes são exteriores e que são introjetadas para a sua formação. Essas imagens guiarão todo o desenvolvimento do indivíduo bem como suas relações com o mundo.

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (Lacan, 1966/ 1998, p. 100)

O eu se conformará a essa imagem que o Outro lhe devolve e com a qual se identifica e se torna assim objeto de desejo, não apenas para o Outro, de quem demandará amor, mas de si mesmo, ou seja, esse eu responderá imaginariamente a uma demanda que será sua, já que a diferença entre exterior e interior ficará perdida.

O sujeito não é anterior a esse mundo de formas que o fascinam: ele se constitui de princípio por elas e nelas. O exterior não está fora, mas no interior do sujeito, o outro está nele ou ainda: não há exterioridade, ou de sentimento de exterioridade [...] (Ogilvie, 2005, p. 106)

A exterioridade de que o autor fala pode dizer do êxtimo que é ao mesmo tempo o mais íntimo do ser e ao mesmo tempo exterior a ele. O real é tido como essa impossibilidade de conceber um exterior tal como ele é, ou de uma verdade posta na realidade. Por isso mesmo o encontro com o real é um choque com a alteridade no sentido mais profundo do termo.

Nesse sentido a experiência de uma análise poderia recobrir uma reinvenção do si mesmo a partir de vivências que não correspondem a esses ideais que a imagem e a identidade produzem. Nesse ponto, no encontro com essa divisão e no confronto com o objeto que nunca é o objeto que satisfaz o desejo que é possível pensar a repetição.

O eu-prazer só encontraria ao longo da vida imagens projetadas a partir de seu próprio modelo, sejam elas boas ou ruins, e sendo assim poderíamos finalmente compreender que esses encontros seriam apenas reencontros, já que qualquer diferença levaria inevitavelmente a uma remodelação, uma reinvenção do sujeito, que seria dessemelhante, estranho a auto-identidade e isso só é possível ao pensarmos a repetição da perspectiva lacaniana como o encontro com a alteridade, com o que está para além das relações imaginárias do sujeito com o mundo.

Isso nos mostra que a construção do sujeito tal como Lacan apresenta é um processo inacabado, por isso passível de mudança. Mas este processo passa necessariamente pelo reconhecimento do próprio desejo, bem como de uma subjetivação dos eventos que poderiam incorrer como traumas ao longo da vida de um indivíduo. Do que podemos concluir que o que fica de fora, como resto é também o que pode impulsionar uma mudança, pois é ao se

confrontar com o que não se reconhece como seu que pode evocar sua própria fissura, o que fica inacabado também é caminho a ser feito, a refazer.

3. Identificar-se

“Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – [...]” (Lacan, 1966, p. 97)

Poderíamos dizer que o eu é eminentemente formado a partir do outro por isso Lacan advoga que este é um processo primordial de alienação e seu efeito, apesar de formador de uma identidade é também causador de uma diferença radical existente entre o eu e o sujeito do inconsciente.

Uma vez que o ser humano nasce ainda prematuro em suas funções motoras, mentais e linguísticas aquele que o acolhe e que participa desse processo será parte constituinte do eu. Essa exterioridade fundamental será a produtora de uma fissura entre o sujeito e o eu, já que ao ser constituído por um outro pressupomos uma perda fundamental. É importante entender como isso se passa. Como essa imagem surge e quais são as consequências disso na formação do sujeito.

O eu é formado a partir de identificações, é construído e não está pronto a priori, como Freud já descrevera. Em seu trabalho sobre a Psicologia das Massas e Análise do Eu há um capítulo onde ele descreve o processo de

identificação como formador do eu e como isso se desenrola. A princípio Freud define a identificação “como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (Freud, 1921, p. 60). Neste capítulo ele apresentará três tipos de identificação, este sendo considerado o primeiro. O segundo tipo de identificação tal como Freud postula é aquela que acontece pela via da regressão. Ele dirá que o sujeito se identifica via regressão uma vez que o objeto de amor já não se apresenta mais disponível, assim a fim de manter a relação perdida há a introjeção de um traço deste objeto no eu. Esta é a identificação através do traço único que o eu toma para si já que a possibilidade de satisfação não se faz mais presente. Neste ponto o que é essencial ressaltar é que o eu transforma-se num objeto dentro do aparelho psíquico que visa satisfazer uma outra instância uma vez que o eu adota características do objeto.

Há ainda uma terceira forma de identificação que, segundo Freud, acontece por uma espécie de “infecção psíquica”, neste tipo de identificação o sujeito ignora a relação objetal com a pessoa com a qual se identifica. Neste caso ele nos dá o bem difundido exemplo de uma garota que recebe uma carta de alguém que ama e tem uma reação histérica, assim, todas as meninas do pensionato onde moram tem também um ataque histérico como se pudessem ocupar o lugar da protagonista da história. Essa será a identificação histérica.

Em todas as modalidades de identificação podemos perceber uma tentativa de apreensão e de organização psíquica, que não existe a priori. Podemos também salientar que a multiplicidade com que o eu se organiza ao longo de seu desenvolvimento deixa um resto que fica sem representação, por isso o mal estar, pois apesar de formar um grande quebra-cabeça nos parece

que há sempre uma peça faltante que estará de certa maneira presente como uma ausência.

Essa ideia é crucial para compreendermos como ao mesmo tempo em que esse vazio estrutural está posto desde o princípio como causa, ele é também o que movimenta a estrutura. É uma negatividade causadora, fundamento da subjetividade.

É também doravante que pode-se conceber a peça faltante como o motor não só da diversidade simbólica, como o deslizamento na cadeia significante, suas substituições e novas produções metafóricas, como também aquilo que causa a repetição.

Tendo isso em vista voltamos ao ponto em que o trauma como algo que não pode ser simbolizado pode ganhar novas representações; pressupomos que simbolizar um resto que insiste, que incomoda, que causa mal estar pode ser parte de um processo analítico também, mas não só. Pois se assim fosse a análise seria um processo infinito.

O que esse processo deixa como resto pode ser considerado o real que insiste em não se escrever, por outro lado a identificação mostra sua vertente imaginária e simbólica, pois:

A identificação imaginária, por ser unificadora, salva o ser humano do despedaçamento; ela se antecipa ao desenvolvimento, programando assim seu progresso. No entanto, por essa operação ela se evidencia como uma experiência de alienação, já que é o desvio pelo outro (alien) que permite ao sujeito apreender-se como “um” inteiro. Experiência de reconhecimento de si mesmo, ela é também uma experiência de desconhecimento e de ilusão que abre um

espaço de ficção na relação do sujeito com sua imagem, pois mascara a verdade da sua profunda divisão e incompletude. (Fingermann, D., 2005, p. 34)

Por esse motivo atestamos que esse algo que fica de fora, que permanece como resto a ser representado insiste e que o assujeitamento, o processo de alienação, a identificação é necessária não somente para que se possa produzir o um através de um outro, mas é também com isso, que através do outro, que me determino como falta e este é seu aspecto simbólico.

O que a identificação promove, em última instância, é certa consistência. A identidade denuncia uma falta que está lá no início como precariedade, desarticulação.

A “identidade”, o mesmo, se alcança por meio dos desvios e atalhos que passam pelo outro, pelo empréstimo de um traço do outro, como substituição e deslocamento de algo que falta para ser. (Fingermann e Dias, 2005, p. 29)

Isso que falta para ser é categoricamente o que nos faz desejar. Pois se existe uma inadequação, um resto entre o que pode ser representado e o representável é precisamente porque isso é parte da estrutura, e é disso que se funda a divisão do sujeito.

O que se desvela na repetição como encontro com o real é que aquilo em que o ser humano se apóia e aqui fazemos menção principalmente à função de uma identidade, isso a que o eu se agarra é derradeiramente fugaz e por mais que se insista em consistir, como consistência, há algo que escapa e que quando repete remete a um nova representação de si mesmo. Podemos

elucidar esse encontro com o real no sonho do pai com o filho, em que a frase: “pai, não vês que estou queimando?”, endereçada ao sonhador mostra o que falha como pai, como aquele que não viu, que não pôde amparar o outro e a si mesmo. É em sua identidade como pai que o sonho lhe toca de maneira contundente.

O verdadeiro desafio da psicanálise não consiste em postular a desintegração do sujeito, mas de encontrar a potência de cura própria às experiências de não-identidade que quebram tanto o círculo narcísico do eu como o quadro controlado de trocas intersubjetivas previamente estruturadas. (Safatle, 2006, p. 29)

Dessa forma, o sonho é também uma experiência de não-identidade, pois o que aparece em cena encena o desamparo do sujeito perante os reveses do acaso, do que surge como encontro com o sem sentido, com o real.

É por essa razão que o encontro com o real é necessário para pensar a clínica em psicanálise, afinal, do que lamentam tanto os neuróticos senão daquilo que não entra no jogo da identidade, do que fica fora de sentido? Mas é também por aí que podemos vislumbrar um potencial de cura, pois uma experiência desse tipo faz com que o sujeito reinvente novas possibilidades de existir.

Capítulo V – Aposta

...é preciso levar em conta o real.

Lacan, 1973

*C'est dans l'amour que le sujet va au-delà de
lui même, au-delà du narcissisme.*

Badiou, 2009

1. Do fantasma

Sabemos que no “início era o verbo”, mas é efetivamente do verbo conjugado que se trata na fantasia. É em como as relações são postas e como efetivamente o sujeito se relaciona com o mundo, ou seus objetos. A fantasia é assim fundamental para compreendermos como se chega à repetição como o encontro do real.

Em toda a relação intersubjetiva é possível perceber o efeito que a construção fantasmática tem, ou seja, é na relação com o outro que ela será desvelada e é onde ao mesmo tempo em que o sujeito encontra a alteridade que ele também seguirá insistindo em adequar os objetos empíricos ao pensamento fantasmático do eu. Por isso ela também serve como anteparo ou bloqueio das relações intersubjetivas.

Aqui podemos afirmar que a máxima de Lacan de que “não há relação sexual” tem seu peso pois embora a relação a qualquer objeto seja governada pela fantasia todo o sofrimento neurótico dá mostras de uma inadequação dos objetos que insiste em se fazer presente e com a qual o sujeito terá de se confrontar.

É mesmo disso que se trata na repetição, desse confronto com o objeto e do que dele não cabe na fórmula que a fantasia modula, o sujeito se depara com o que fica de fora, ou com o resto a ser subjetivado, é ao experimentar esse confronto que é pura contingência que pode-se produzir um novo sujeito.

Ao considerarmos que nenhum objeto se submete completamente ao cenário imposto na fantasia podemos também afirmar que há algo que escapa aos processos de subjetivação e simbolização também presentes em todo o sujeito. É desse encontro com a verdadeira alteridade que o sujeito mostra a sua divisão.

E é desse confronto em que algo irreconciliável entre o eu e o real se interpõe - pois na relação de objeto o que pode servir à fantasia e o que não está em conformidade com ela e que provoca uma crise nas identificações, já que escapa à maneira narcísica de se relacionar ao outro - que podemos conceber um novo sujeito.

Pensar um eu é evocar também um núcleo de identificações e uma unidade que no instante de se assemelhar a um outro também se diferencia, e é em como as relações são traçadas uma vez que o sujeito traz consigo todo um aparato simbólico e imaginário que o permite circular no mundo e na realidade. Ressaltamos aqui o mérito que tem o imaginário como constituinte do eu e em como essas imagens e as representações constituem a realidade

de um sujeito. Por outro lado “é em relação ao real que funciona o plano da fantasia.” (Lacan, p.44 XI)

O lugar do real, que vai do trauma à fantasia – na medida em que a fantasia nunca é mais do que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição – aí está o que precisamos demarcar agora. (Lacan, 1964 / 1998, p. 61)

Constrói-se a realidade a partir dessas representações que podem nos proteger do real, é por essa razão que Lacan ao falar da fantasia nos traz a imagem de uma tela, pois é daí que toda a experiência acontece. Como dizia Lacan: “A realidade é comandada pela fantasia como aquilo em que o sujeito se realiza em sua própria divisão.” (Lacan, p. 357 OE)

Isso fica claro quando Žižek diz:

O que experimentamos como “realidade” é estruturado pela fantasia, e se a fantasia serve como crivo que nos protege, impedindo que sejamos diretamente esmagados pelo real cru, então a própria realidade pode funcionar como uma fuga de um encontro com o real. (Žižek, 2010, p. 73)

O que acontece então quando algo escapa ao pensamento fantasmático? Essa é uma questão fundamental para compreender o que Lacan postulava sobre o final de análise e a destituição subjetiva. Por isso Lacan afirma: “é disso mesmo que se trata, ao termo da análise, de um

crepúsculo, de um declínio imaginário do mundo, e até de uma experiência no limite da despersonalização.”(Lacan, 1954 / 1986, p. 265)

Não poderíamos afirmar que Lacan abandonaria ou proporia uma renúncia do registro imaginário em função do real ou do simbólico, o nó borromeano está presente em sua teoria para que fique bem claro a importância de cada um.

Quando Lacan fala de um declínio imaginário do mundo pode-se dizer que isso se presta a uma reinvenção do sujeito; Uma vez que o desejo encenado na fantasia está de princípio marcado pelo outro, assim também funciona a identidade; É assim que um sujeito faz-se objeto do desejo do Outro. Mas é especificamente em sua não submissão que ele se revela, primeiramente porque a cena é um simulacro, já que como dito anteriormente, o desejo carece de um objeto empírico que possa satisfazê-lo. Mas é ao fazer-se objeto do outro que a fantasia ganha sua dimensão. Essa realidade que a fantasia forja é também uma armadilha como nos diz Lacan: “Pois vê-se pelas atuações do neurótico que, da fantasia, ele só se aproxima de viés, ocupadíssimo que está em sustentar o desejo do Outro, mantendo-o de diversas maneiras em suspenso.” (Lacan, 2003, p. 327 OE)

Por isso a questão ‘che vuoi?’

A fantasia é uma construção, é uma resposta a esse real que insiste em não se escrever. É também na cena em que o neurótico atua que podemos perceber como essa conformação entre o desejo do outro e a resposta que se produz a partir disso é da ordem do impossível. E “o impossível é muito simplesmente o real, o real puro. A definição do possível exige sempre uma primeira simbolização⁷.” (Lacan, p. 172)

⁷ Seminário 14 ainda não publicado no Brasil.

Por isso a resposta que se dá ao enigma encerra uma negatividade da qual o sujeito é também resultado pois "a coragem de ter ousado perder o amor do Outro ao dizer não também engendra um sujeito dividido por este ato mesmo." Nesse sentido há uma transgressão do desejo do Outro que é necessária à formação do sujeito. Por isso a resposta que se tem através da fantasia revela também uma falta de resposta. Mas a lógica do neurótico é sustentar esse desejo, como se isso fosse possível, como nos diz Safatle (2006): "Por meio da repetição própria ao fantasma, o sujeito submeteria o diverso da experiência à identidade fantasmática, instaurando um universo sem espaço para a verdadeira alteridade ou para a divisão subjetiva."(p. 204)

Ao submeter o diverso da experiência aos moldes da fantasia o neurótico evitaria o pior, ou dar-se conta da castração e de sua divisão, pois: "[...] uma fantasia é simultaneamente pacificadora, desarmadora (pois nos oferece um cenário imaginário que nos dá condição de suportar o abismo do desejo do Outro) e destruidora, perturbadora, inassimilável na nossa realidade." (Zizek, 2003, p. 35)

Ela é pacificadora por ser a maneira como aprendemos a desejar, nesse sentido "O fantasma, por pior que seja, é confortável, pois ele dá forma e contorno à incógnita do desejo do Outro." (Dominique, 2005, p. 65)

Ele não apenas configura o desejo do Outro, como também o desejo de um sujeito pois "[...] sua verdadeira função consiste em ser uma barreira de defesa contra a angústia produzida pelo inominável do desejo. (Safatle, 2006, p. 200)

Ao postular que o final de uma análise passa necessariamente pela travessia do fantasma Lacan não supõe que abandonemos a fantasia, mas que

consigamos distinguir a parcela de ficção que a fantasia fornece à realidade, “é reconhecer a parte da ficção na realidade “real”. (Zizek, 2003, p. 36)

2. BON HEUR

*A psicanálise certamente lhe permitiria esperar
elucidar o inconsciente de que você é sujeito.*

Lacan, Televisão

Reconhecer a ficção na realidade é também compreender que no objeto há algo que é pura contingência, é o que se subtrai à novela de cada um, e o que podemos esperar?

Lacan nos diz também que não é o que se espera, mas do lugar em que se espera. O que o neurótico faz é uma tentativa de realizar a relação sexual, fazer Um, ou encontrar a peça que forma seu quebra-cabeça, e é precisamente nesse ponto que há o fracasso. Por isso a aposta é dar chance àquilo em que não encontramos nenhum tipo de garantia, esta é a ética do desejo.

[...] pois o que se almeja é a própria contingência, o inesperado. A contingência depende da capacidade de se separar da teimosia de querer fazer Um com o Outro, da capacidade de se separar da solução fantasmática repetitiva, limitada e previsível e devolver à repetição pulsional a sua plasticidade. (Fingermann, 2005, p. 57)

Ao separar-se da solução fantasmática é que podemos supor o real, o que aparece como impensável. E é desse desvelamento que se trata na repetição.

A repetição como encontro com o real promoveria assim uma oportunidade para reconhecer a divisão subjetiva e deparar-se com essa alteridade que é também constituinte do sujeito, e como nos diz Lacan: “É somente ao acuar o impossível em seu último reduto que a impotência adquire o poder de fazer o paciente transformar-se em agente.” (Lacan, 1970/ 2003 p. 446 OE)

Poderíamos pensar que essa impossibilidade levaria à impotência, mas o que Lacan advoga é que o real como o impensável, como o que não está representado, como o que retorna sempre ao mesmo lugar já que não está colonizado pelos pensamentos fantasmáticos é também a via de acesso a uma reinvenção; Pois é também daquilo que não ficou alienado ao desejo do Outro que nos referimos. Ou seja, da fissura que está também presente no simbólico.

É o real que permite desatar efetivamente aquilo em que consiste o sintoma, ou seja, um nó de significantes. Atar e desatar que aqui não são apenas metáforas, mas a serem apreendidos como os nós que realmente se constroem ao formarem uma cadeia com a matéria significante. (Lacan, 2003, 1973/ 2003, p. 515 OE)

Por isso que é necessário levar em conta o real e, portanto a repetição é a boa hora (*bon heur*) do sujeito. Pois o que ele encontra efetivamente é falta de encontro, ou seja, o que não estava lá nos moldes da fantasia, no sentido do sintoma e tampouco no que lhe confere uma identidade.

Sabemos que o sintoma é também o que sustenta a fantasia, por isso é factível afirmar que atravessar a fantasia acarreta necessariamente numa mudança perante o objeto e a si mesmo, já que isso provocaria uma abertura à experiências de reconhecimento da alteridade e da divisão subjetiva.

É a contingência se apresentando como a via de acesso à mudança. O que Lacan aponta é “a via da invenção na qual cada um precisa se arriscar quando larga suas aderências ao Outro suposto mandamento ou desejo.” (Fingermann, 2005, p. 57)

É na repetição que não produz o mesmo que o sujeito dividido toma seu lugar, como reiteração, por isso ele é feliz, como diz Lacan em *Televisão* (1973):

Nisso tudo, onde está o que traz felicidade, feliz acaso⁸?
Exatamente em toda parte. O sujeito é feliz. Esta é até sua definição, já que ele só pode dever tudo ao acaso, à fortuna, em outras palavras, e que todo acaso lhe é bom para aquilo que o sustenta, ou seja, para que ele se repita. (Lacan, 1973/2003, p. 525)

A boa hora colocada por Lacan remete tanto à palavra *bonheur* (felicidade) como ao *bon heur*, ou ao bom acaso e à boa hora em que o sujeito como dividido é reiterado.

⁸ LACAN, J. *Outros Escritos*, 2003

No orig., *bon heur*. Ao separar a palavra Lacan reúne tanto o sentido de *Bonheur* (felicidade) quanto o de bom/ feliz (*bon*) acaso (*heur*). (N.E.)

“O sujeito é duplamente submetido à hora (heur), ao regime da contingência dos encontros. Ele está na primeira hora (heure), a primeira hora da experiência do trauma, e, em seguida, na hora certa (à l’heure) dos encontros do amor.” (Soler, 2013, p. 66)

É então que podemos passar ao que Lacan diz da relação sexual, do encontro amoroso como o protótipo das relações intersubjetivas. É nos encontros do amor que a repetição é ainda mais patente, pois embora o sujeito diga que novamente aquilo se repete como experiência, é sempre de um fracasso que ele fala. É do que falha no encontro amoroso, como o que não confere a dimensão do Um. Ou seja, é de um fracasso que se faz presente ao tentar reencontrar o objeto de amor.

[...] a relação sexual advém possível através do seu fracasso. (...) é graças a seu fracasso que o objeto pode desvelar a negação ontológica que o engendra; um desvelamento que se manifesta como estranhamento em relação ao pensamento fantasmático do eu. Fracassa-se uma relação sexual quando o outro não se submete todo ao pensamento fantasmático. E, em uma perspectiva dialética, a experiência desta não submissão nos abre à possibilidade da relação sexual e do acesso ao objeto. Isso explica por que se faz necessário fracassar a relação sexual para que ela seja possível. (Saflate, 2006, p. 134)

O que fracassa é a tentativa de adequar o objeto ao pensamento fantasmático que fica em jogo no encontro, mas é de onde se espera que

podemos compreender melhor que há algo do objeto que não se submete. Esse resto que resiste à alienação, que não responde e corresponde à realidade do fantasma. E não precisamente que o que está em jogo nesse encontro, ou nessa falta de encontro, é que ele mesmo aparece como falta, como o que também não se submete ao desejo do Outro. E é exatamente por isso que lhe foi possível desejar.

Quando Badiou (2009) diz que é “no amor que o sujeito vai além de si mesmo, para além do narcisismo” há uma aposta de que apesar de uma falta de encontro, de uma inadequação, de um algo que fica de fora, que não se submete, apesar disso é possível ir além de si mesmo, encontrando o ponto de ficção, na realidade real da falta de encontro. É certamente de uma chance de encontrar novas maneiras de satisfação que não se assemelham com o que havia antes. É pois uma aposta no amor para além do narcisismo, como nos diz Safatle (2006):

[...] o amor que visa ao ser pede a coragem de sustentar o olhar diante do impasse, sustentar o olhar diante do estranhamento angustiante deste corpo não submetido à imagem e a sua submissão ao significante. (Safatle, 2006, p. 211)

Por isso quando Lacan nos diz que “*amar é dar o que não se tem à alguém que não o quer*” é precisamente no ponto de opacidade com que me deparo no encontro amoroso que isso retorna como aquilo que em mim contém a mesma opacidade. E é ao dizer “a quem não quer” podemos compreender que aquilo que poderia completar o outro, que poderia ocupar o lugar daquilo que lhe falta, eu não o tenho. Não há algo que se possa oferecer

que recubra a fraqueza original de um sujeito a quem algo falta desde o início. Por isso Lacan nos diz “Que haja amor à fraqueza, está aí sem dúvida a essência do amor.” (Lacan, 1970/1992, p. 54) Mas não é uma fraqueza que se possa reparar. Ou seja, tem-se um lugar no encontro, mas exatamente no ponto em que há o fracasso, pois não há acordo entre a minha fantasia e a do outro o que torna a experiência da alteridade possível. Uma vez que “O que é amado num ser está para além daquilo que ele é, a saber, afinal de contas, o que lhe falta.” (Lacan, 1957/ p. 144) E aquilo que ele é está necessariamente atrelado à fantasia, às identificações.

O que damos no amor é, essencialmente, aquilo que não temos, e quando isso que não temos volta para nós, com certeza há uma regressão e, ao mesmo tempo, uma revelação daquilo em que faltamos para com essa pessoa, para representar esse falta. (Lacan, 1963/2005, p. 156)

Trata-se da falta porque o que o que está em questão é o sujeito como falta a ser, pois no amor não é do desejo disso ou daquilo como ele afirma, “mas de desejo, simplesmente.” E o que é desejado, Lacan pergunta, “é o desejante no outro.” (Lacan, 1961/ 2010, p. 435)

Na perspectiva lacaniana do amor o que fica claro é que é nisso que se pode ir além do narcisismo, além de si mesmo, ou seja, dar lugar a alteridade que o outro representa. Por isso “o amor é dar o que não se tem – e só se pode amar agindo como quem não tem [...]” (Lacan, 1961, p. 435). E é por não encontrar no outro aquilo que viria a completar o jogo fantasístico, do que não está alienado à imagem, às identificações que pode-se produzir o novo.

Este tema é decerto caro não apenas à psicanálise, mas a todos. Isso mereceria um trabalho inteiro, o que não é nosso propósito neste momento.

3. Entre o Real e a realidade

E então que podemos nos remeter a uma outra questão, que é: o que acontece quando as identificações vacilam? Quando o encontro fracassa? O que acontece quando há uma crise nas identificações? Quando o confronto com objeto deixa precária uma visão de mundo que parece determinada?

Sabemos que todas as questões acima nos levam a pensar a realidade humana propriamente dita, as identificações e os papéis sociais, os encontros amorosos que atualmente podem ser oferecidos - por agências matrimoniais, como diz Badiou no Elogio do amor⁹ - com pretensas garantias de sucesso, um mundo que se organiza primordialmente a partir das imagens que conservam uma certa estabilidade para o eu e que guardam um valor simbólico desconhecido pelo sujeito.

A realidade é um conceito presente dentre os temas das obras de Freud a Lacan. A construção freudiana sobre a realidade passa não apenas pela representação, como constituída a partir da pulsão, como também a identificação, a fantasia, a realidade psíquica e então o trauma. Essas são noções que percorrem a obra de Freud, do início ao fim.

⁹ BADIOU, Alain *Éloge de l'amour*, Paris: Flammarion, 2009

Para Lacan, que pensará a psicanálise através da edificação conceitual de Freud, esse percurso é também parte de sua tese sobre a construção da realidade humana.

Os ternário simbólico, imaginário e real são registros essenciais da realidade humana como nos diz Lacan em RSI (1972).

A constituição do sujeito carrega uma teorização pensando na linguagem como organizadora da subjetividade, bem como o imaginário e a passagem pelo estágio do espelho, como constituinte primordial do eu, da identificação, dos ideais contidos na imagem, e de como isso adquire valor de símbolo que "resiste ao tempo."

A relação ao Outro é também fundamental para compreendermos a realidade de um sujeito, seu modo de operar, de responder ao enigma do desejo desse Outro, que indica uma resposta através da fantasia é também uma maneira de apreensão da realidade.

No seminário sobre VII ao retomar o modo de funcionamento do sistema de percepção em Freud, Lacan nos diz que a construção da realidade passa por uma:

[...] profunda subjetivação do mundo exterior - alguma coisa tria, criva de tal maneira que a realidade só é entrevista pelo homem, pelo menos no estado natural, espontâneo, de uma forma profundamente escolhida. O homem lida com peças escolhidas da realidade. (Lacan, 1959/ 2008, p. 62)

Isso nos mostra que, embora não se saiba, a realidade é psíquica e primordialmente fantasmática e fazer reconhecer essa realidade é perceber

que joga o sujeito joga, como nos diz Lacan (1972). Pois é também do reconhecimento do próprio desejo que se trata. Lacan atesta que essa é:

uma experiência derradeira de onde ele (o desejo) jorra, e a partir da qual ele se conserva na profundidade do sujeito sob uma forma irredutível. O Wunsch não tem o caráter de uma lei universal, mas pelo contrário, da lei mais particular - mesmo que seja universal que essa particularidade se encontre em cada um dos seres humanos. (Lacan, 1959/2008, p. 35)

E esse processo de reconhecimento do desejo é correlativo à travessia do fantasma e é importante para entender a seguinte frase: "Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis." (Lacan, 1965/ 1998, p. 873)

A travessia da fantasia envolve que o sujeito assuma uma nova posição relação ao Outro como linguagem e ao Outro como desejo. Trata-se de investir ou habitar aquilo que o trouxe à existência como sujeito dividido, para tornar-se aquilo que o causou.

...

A causa estranha, aquele Outro desejo que o trouxe ao mundo, é internalizada, de certa forma, assume-se a responsabilidade por ela, é assumida (no sentido da palavra francesa *assumption*), é subjetivada, torna-se própria. (Fink, 1998, p. 86)

E é também na realidade do sujeito que isso tem efeito como mudança. E é precisamente ao falar da ética da psicanálise que Lacan diz: "Sua práxis não é senão prelúdio à ação moral como tal - a dita ação sendo aquela pela qual desembocamos no real." (Lacan, 1959/2008, p. 32)

E é ao agir sem garantias que desembocamos no real, esse é o "ato de alguém que atravessou o fantasma, e essa é a aposta da psicanálise.

4. O que desperta?

“...que nesse mundo inteiramente sonolento, apenas sua voz se fez ouvir – *Pai, não vês, estou queimando.*”

Lacan

Como já tratado anteriormente o sonho do qual Lacan se utiliza para discorrer sobre a repetição pode nos fornecer algumas ideias. Ele nos chama a atenção especificamente para uma outra realidade. Ele pergunta: o que o desperta no sonho?

Lembremos que ele se utiliza do sonho, escolhido não sem razão, para designar um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, a começar pela repetição. Lacan pretende através dessa exposição abordar a função da repetição na psicanálise. Ele nos diz o seguinte:

[...] ambiguidade da função do despertar e da função do real nesse despertar. O real pode ser representado pelo acidente, pelo barulhinho, a pouca-realidade, que testemunha que não estamos sonhando. Mas, por outro lado, essa realidade não é

pouca, pois o que nos desperta é a outra realidade escondida por trás da falta do que tem lugar da representação [...] (Lacan, 1964, p. 61)

Há uma certa imprecisão inicial sobre o que traz o nosso protagonista - o do sonho - de volta à realidade. Seria o barulho do quarto ao lado, da vela que cai?

É justamente a frase, que funciona como uma tocha, como nos fala Lacan, que "pega no real." Lá onde o sujeito que sonha encontra essa manifestação do que escapa a tudo que lhe significaria ser pai.

O sujeito acorda para continuar sonhando, pois não encontra na realidade nada além das representações que a constituem, ou seja, o que ele recobra ao acordar é sua consciência. O sonho "É uma homenagem à realidade faltosa."(Lacan, 1964/1998, p. 60) E é isso que o desperta efetivamente, o não encontro do objeto, o fracasso dessa relação, o que lhe mostra que não há conformidade, não é idêntico a seus papéis e identificações sociais. É do elemento que falta, da ausência de algo que poderia representá-lo como sujeito, é o encontro do real que o faz despertar.

Quando a frase aparece no sonho "Pai, não vês que estou queimando?" A única resposta possível já está dada no frase-tocha, ao elidir a pergunta e transformá-la em afirmação: não, pai, não vês. O pai não vê porque é castrado e não poderia encarnar o Pai que o tiraria do desamparo, nem no sonho, nem fora dele.

O encontro do real pode trazer à tona uma verdade que não servirá para qualquer um, pois é uma verdade particular (Lacan, 1959). E que isso esteja, outrossim, ligado à angústia, sem dúvidas que sim. Por isso a frase aparece como uma tocha que queima onde cai. E conforme diz Lacan em RSI (1972):

[...] a angústia está sempre ligada a uma perda, ou seja, a uma transformação do eu, ou ainda, a uma relação a dois no ponto de desaparecer, e a qual deve suceder alguma outra coisa que o sujeito não pode abordar sem uma certa vertigem. (Lacan, 2005, p. 39)

O que fica perdido nesse encontro do real, e para esse pai do sonho é o contorno, a unidade proporcionada pela identificação, que está para além da morte do filho. O que permanece fora do alcance do significante, que escapa ao sentido e que insiste como causa.

O que precisa ser levado em conta neste encontro do real é que encarnar a figura de um pai que poderia salvar um filho do desamparo se situa do lado do impossível. E o que o sonho mostra é que é naquilo que a vida traz como imprevisível, do que coloca o sujeito diante das casualidades que pode-se pensar um novo sujeito.

E não a partir do que já aconteceu, mas de um porvir sobre o qual não há garantias e isso por isso mesmo a angústia comparece, o sonho coloca o sujeito diante do que pode acontecer, e é desse encontro do real que se trata.

É do que se faz deste ponto em diante que o sujeito poderá reescrever sua história e escrever outra diferente do que já fez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Pois, que outra coisa procuramos na análise senão uma verdade libertadora?" (Lacan, 1959/2008, p. 34)

Para que possamos entrar no último capítulo deste trabalho é necessário retomar as questões iniciais que nortearam a pesquisa e o desenvolvimento exposto.

Recomeçamos então pelo modo como ela nos aparece na clínica, primeiramente como queixa, como algo que ultrapassa o sujeito em sua relação com o mundo.

Sabe-se que a busca por uma análise pressupõe o sofrimento psíquico daquele que se coloca como sujeito dessa experiência que a psicanálise oferece. É disso, é de onde partimos na clínica.

Em suas diversas formas de narrar o próprio sofrimento o que se apresenta de forma predominante é primeiramente o sintoma, que pode surgir não apenas como índice de que algo não vai bem, mas de que algo que funcionava antes passa a não mais funcionar. Os acontecimentos da vida, os acasos podem fazer com que o sujeito se depare com o que deixa de ter os mesmos efeitos como modo de gozo, o que coloca o sintoma em cheque.

Por um lado apresentamos neste trabalho a insistência do sintoma na vida dos neuróticos e como ele é construído como uma resposta a qual ele se

apóia fielmente a fim de evitar a angústia. Isso não implica dizer que não há mal estar nessa premissa, pelo contrário, o sintoma é tanto familiar pois é aquilo com o que se convive, como estranho ao sujeito, pela dor que provoca. Por um lado podemos dizer que não há sujeito sem sintoma, pois como diz Quinet (2003): "O sintoma é a fumaça e o fogo é o sujeito¹⁰."

De nossa parte a tentativa foi mostrar como o sintoma se estrutura através do (dos três registros que Lacan desenvolve em sua obra) imaginário, do simbólico e real. O sintoma tem um sentido que foi construído ao longo da vida de um sujeito, há uma história que se conta sobre o próprio sintoma, como começou, quando, e quando o sujeito arrisca há até um porquê.

É mesmo através da história e das histórias que se contam em análise que o sujeito parece procurar uma verdade sobre aquilo que o faz padecer. E é na busca dessa verdade que o sentido do sintoma vai se construir e se desconstruir. Pois o que apontamos aqui, ao tratar da repetição, é que a verdade só se conhece pela metade.

A busca pelo sentido ou mesmo o sentido já fabricado nos fornece uma ideia dos aspectos imaginários e simbólicos, pois o sintoma é não apenas alienante como uma imagem o é - o que significa dizer que há uma pessoa que sofre com seu sintoma e é também por isso que ele se determina, ele faz parte daquilo que compõe sua identidade no mundo, mas o sintoma por ser estruturado como linguagem, é também e ao mesmo tempo uma tentativa de conciliação, portanto, uma resposta, e uma mensagem enigmática, de certa forma incompreendida que pode ser desvendada.

Ao considerar essas duas perspectivas, do sintoma como alienante, e do sintoma como mensagem-resposta podemos dizer que o que é visado pela

¹⁰ QUINET, A. A descoberta do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

experiência da análise passa por uma espécie de investigação, de busca pela prova final, ou seja, ele pode ser decifrado, como uma procura pela verdade.

Entretanto o que se revela como estratégia clínica é não apenas o dizer sobre o sintoma, ou seja, sua busca pela verdade, mas indicar que o sentido derradeiro do sintoma é o real.

Por essa razão podemos postular que há um limite de até onde isso funciona, por isso Lacan dizia que a *verdade é não-toda*, pois o real é o limite para o desvelamento completo do sintoma. Pois por mais elaborada que seja a construção sobre o sentido do sintoma, ela esbarra no resto que fica inassimilável, incompreendido.

É por aqui que começamos a compreender como a repetição, como o encontro do real também implica uma compreensão sobre o sintoma, sua estrutura e seu núcleo irreduzível, pois uma vez que declaramos que não existe um sujeito sem sintoma concebemos também a impossibilidade de se curar um sujeito de ser sujeito.

É do encontro com essa impossibilidade que algo da repetição se evidencia. Faz-se necessário esclarecer, para tanto, que a psicanálise se propõe sim a reduzir o sofrimento psíquico, e por isso mesmo há uma direção do tratamento. Obviamente que a decifração faz parte do processo e já que o sintoma se apresenta como uma construção é preciso que haja um trabalho nessa direção.

O processo de decifração não se faz apenas com relação ao sintoma, mas funciona também para a fantasia que o sustenta. Concluímos, no percurso deste trabalho, que é, sobretudo nas relações intersubjetivas que o neurótico encena sua fantasia, nas relações intersubjetivas e fundamentalmente no encontro com o outro, com o parceiro no amor.

A repetição na esfera amorosa é comumente constatada quando algo fracassa numa relação; é somente na ruptura, que não acontece necessariamente na realidade, que tem-se a percepção de que alguma coisa opera diferentemente das expectativas.

Utilizamos Kierkegaard conforme a indicação de Lacan, desde seu segundo seminário, para entender a repetição como encontro faltoso. Neste sentido o que foi exposto demonstrou que é ao relacionar-se com o mundo dos objetos, que a fantasia intervém nas mais diversas experiências. Ela surge como uma janela de onde o outro é percebido dentro do cenário fantasmático que o sujeito constrói.

Logo o sujeito empreende uma tentativa, sem saber, de adequar os objetos de amor a um faz-de-conta particular; - o que não transcorre sem dificuldades, pois provoca desentendimentos - e é precisamente por essa razão que o encontro com a falta se faz presente.

Abordamos então o aforismo de Lacan sobre a não existência da relação sexual, que aponta para a inadequação, a emergência do diverso, do que não estava nos planos, da ausência de um objeto que possa corresponder ao lugar da falta.

E diante da alteridade, na experiência amorosa, formam-se dois caminhos possíveis: renunciar ou confrontar-se com o objeto que não casa com a falta.

E como nos diz Soler (2013):

[...] os sujeitos que falam dos desentendimentos com seus parceiros-sintomas, de que falam eles senão do diálogo impossível que repercute no nível da fala, a opacidade dos

gozos fora de laço? De fato, o lugar eleito do encontro falho não é a solidão; a solidão, ao contrário, permite sonhar com a relação sexual. O lugar eleito do encontro falho é o próprio casal, e mesmo, mais precisamente, o ato sexual bem sucedido. (p. 145)

O que não casa, mas pode fazer casal; Isso significa que mesmo nas relações de amor a tentativa de complementaridade fica de fora, não casa pois o que o objeto apresenta não se ajusta ao cenário criado na fantasia que é particular. A ideia de fazer casal logo seria não mais tentar fazer um, mas consentir uma relação em que o outro é outro diferente daquilo que imagino, que idealizo, que tento por vezes presentificar.

Desta forma a não conformação do objeto impõe assim uma escolha que pode realizar-se pela via do sintoma, numa inibição, por exemplo, onde o sujeito prefere recuar diante do objeto, permanecer sozinho, com seu fantasma ou por uma aposta que se faz no encontro com a falta, com o objeto, e do que nele há de real, de inalienável, portanto de alteridade propriamente dita. Visto que escolher apostar é compreender que não há conformidade do objeto à fantasia, que o que se encontra é pois a diferença. Por isso a compreensão de que "do real, portanto, só o particular." (Quinet, 2003, p. 145)

O argumento que foi anunciado neste trabalho é de que do encontro do real é que é possível que algumas coisas se refaçam, no laço com o outro; é de uma aposta que leve em conta o real, tal como foi anunciado por Lacan.

Para que se possa apostar não a partir do fantasma, mas partindo do princípio de que se pode ir além do narcisismo, além daquilo que minha identidade pressupõe.

Isso caracteriza bem o que significa atravessar a fantasia. Pois uma vez que consideramos que nem tudo cabe na janela de onde vejo e penso o mundo apresenta-se o ensejo de perceber na realidade sua parcela de ficção.

O sujeito se depara com a falta de um objeto que possa satisfazer o desejo. O que provoca uma volta, pois isso reaparece para ele mesmo como falta que é também o que o constitui como sujeito desejante.

É a partir da repetição como o encontro do real que o sujeito encontra sua bon heur, sua boa hora, não somente como sujeito faltante, mas principalmente como alguém que pode desejar e que essa falta lhe é mais cara do que ele imaginava.

Assim, é ao agir sem garantias que a ética da psicanálise se manifesta. Aquilo que resta inassimilável no objeto, do que fica como inominável, sem representação possível é que possibilita uma mudança de posição, como já dissemos anteriormente. O acaso surge como aquilo que reitera o sujeito barrado, já que é da ordem do que surpreende, do que pega o sujeito desprevenido, do que provoca uma ruptura com as noções de correspondência da realidade fantasmática.

O que aqui defendemos não é que o sujeito espere pela novidade que o acaso pode trazer, mas adverti-lo de que a surpresa pode estar justamente no confronto com o que do objeto resta inapropriado. É ao deter-se diante do objeto que pode se reinventar um novo sujeito, e quiçá uma nova história diferente daquela que se reproduz.

Isso significa que não é ao resignar-se com a falta que se termina uma análise, ou seja, a aposta não é na impotência, em conformar-se de não encontrar, mas pelo "não há" é que podemos nos entusiasmar, e arriscar uma aposta, por ser desejante.

E não à toa que Lacan, na Nota Italiana ao discorrer sobre o analista e o final de análise, diz: "Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance."¹¹ (Lacan, 1973/ 2003, p. 313)

Evidentemente que este trabalho não se propõe a oferecer todas as respostas sobre a repetição, mas acreditamos que o valor clínico da repetição na experiência analítica fica posto como o cerne daquilo que levou não apenas Freud, mas Lacan também a buscar uma resposta para o sofrimento psíquico e apostar numa mudança da subjetividade humana a partir do que se propõe na psicanálise.

Pode-se pensar que o encontro do real como aquilo que provocaria angústia para o sujeito poderia produzir aquilo que Lacan apontou em seu primeiro seminário como uma experiência no limite da despersonalização. De que o devir como constituído primordialmente pelo que se faz imprevisível poderia levar o sujeito a se perder, como identidade, como eu e até mesmo que a ruptura seria intolerável para aquele que a vivencia. No entanto, é também a partir dessa indeterminação que a novidade pode ganhar espaço, e que um sujeito pode se reinventar.

Outra questão que se apresente é como lidar com a covardia moral, ou aqueles que são propensos à depressão, que caminhos tomar quando alguém que procura a análise se acovarda e se resigna diante dos impasses que a casualidade coloca.

Mesmo no campo amoroso, na impossibilidade de fazer um, seria possível considerar que os sujeitos que se deparam com isso que faz objeção

¹¹ LACAN, J. Nota Italiana (1973) In: Outros Escritos (p. 313) 2003. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

poderiam encarar o não encontro? Deter-se diante do objeto que não está completamente adequado à fantasia é mesmo possível, e para quem?

Talvez pudéssemos esboçar uma resposta e dizer que há sempre a possibilidade de fazer como se. Eventualmente poder-se-ia considerar que o encontro do real é em última instância uma oportunidade em que o sujeito consegue, ainda que leve em conta o real, descobrir um modo de brincar com os desencontros possíveis, e porquê não com mais leveza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIOU, A. *Éloge de l'amour*. Paris: Flammarion, 2009.

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1977.

COUTINHO JORGE, M. A. *A travessia da fantasia na neurose e na perversão*. Estudos de Psicanálise. n. 29. Rio de Janeiro, 2006. p. 29-38.

COUTINHO JORGE, M. A. *As quatro dimensões do despertar - sonho, fantasia, delírio, ilusão*. Ágora. Vol. VIII, 2005. p. 275-289.

FELDDSTEIN, R. et al. *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FINGERMANN, D. , DIAS, M. M. *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FINK, J. *O sujeito lacaniano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, S. (1996) *Fragmento da análise de um caso de Histeria* (1901-1905), In: Freud, S. Obras completas ESB Vol. VII (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 19-108.

FREUD, S. *O sentido dos sintomas, Conferência XVII* (1915-1916) In: Freud, S. Obras completas ESB Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.265-279.

FREUD, S. *Os caminhos da formação dos sintomas, Conferência XXIII* (1915-1916), In: Freud, S. Obras completas ESB Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.361-378.

FREUD, S. *Recordar, repetir e elaborar.*(1915) In: Freud, S. Obras completas Vol. 10 (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 193-209.

FREUD, S. *O Inquietante* (1919), In: Freud, S. Obras completas Vol. 14 (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 328-376.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (1920), In: Freud, S. Obras completas Vol.14 (1917-1920) São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239.

FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) In: Freud, S. Obras completas Vol. 15 (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113.

FREUD, S. *A negação* (1925), In: Freud, S. Obras completas Vol. 16 (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 275-282.

FREUD, S. *A dissecção da personalidade psíquica.* In: Freud, S. Obras completas ESB Vol. XXII (1932-1933). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. *O Mal radical em Freud.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise: um introdução à teoria das pulsões.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KIERKEGAARD, S. *A repetição* (1843) Lisboa: Relógios D'Água Editores, 2009.

LACAN, J. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, J. *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1955)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, J. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. *O Seminário, livro 8: a transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. *Escritos (1966)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. *Des noms-du-père*, Paris: Seuil, 2005.

LACAN, J. A lógica da fantasia (trechos do seminário 14) In: *Opção Lacaniana*, n. 58. São Paulo, 2010. p. 9-29.

LACAN, J. *La logique du fantasme*. (1981) (não publicado no Brasil).

Disponível em: <<http://staferla.free.fr/S14/S14%20LOGIQUE.pdf>> Acesso em: março de 2014.

OGILVIE, B. *La formation du concept de sujet*. Paris: Presses Universitaire de France, 2005.

QUINET, A. *A descoberta do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAFATLE, V. *A paixão do negativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

SAFATLE, V. *Uma clínica do sensível: a respeito da relação entre destituição subjetiva e primado do objeto*. Interações (online). Vol. 10, n.19, 2005. p. 123-150.

SOLER, C. *A repetição na experiência analítica*. São Paulo: Editora Escuta, 2013.

ZIZEK, S. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

ZIZEK, S. *Bem-vindo ao deserto do Real!* São Paulo: Boitempo, 2011.